



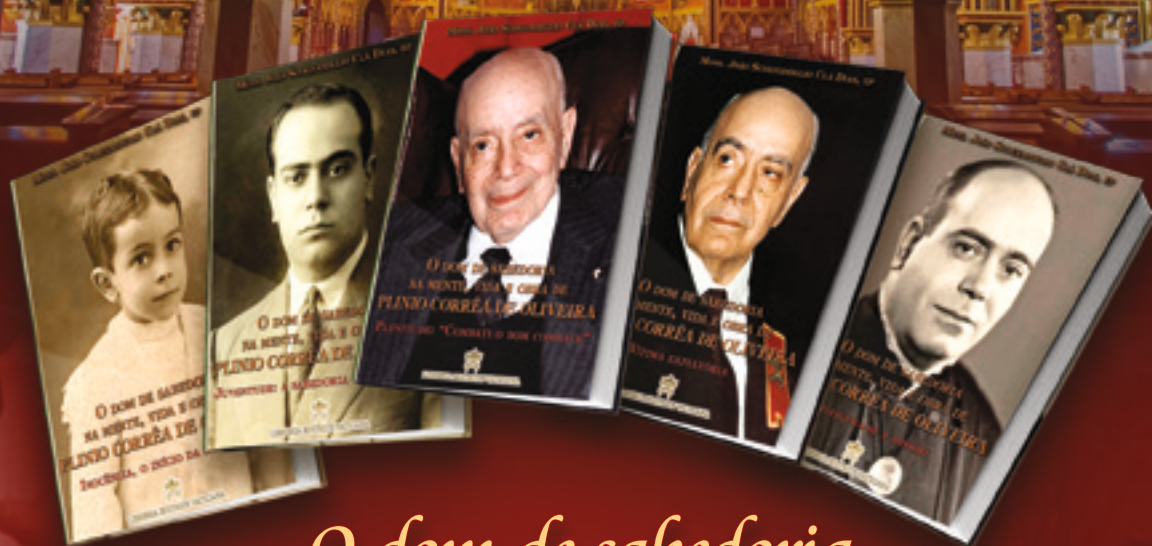
COMEMORATIVA

EDIÇÃO

ARAUTOS DO FENGELHO

Nº 286 - Outubro 2025

*Há trinta anos
na eternidade*



O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira

Dada a importância da vida e obra de Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, escritor e líder católico que está na origem dos Arautos do Evangelho, a LUMEN CATÓLICA põe à sua disposição uma obra sobre esse insigne brasileiro.

Escritos por **Mons. João Scognamiglio Clá Dias**, fundador dos Arautos do Evangelho, e publicados pela LIBRERIA EDITRICE VATICANA, os cinco volumes desta coleção constituem a narração mais fiel da história de Dr. Plínio, ressaltando os desígnios de Deus sobre ele e a providencialidade de sua missão.



WWW.LUMENCATOLICA.COM.BR



(11) 97896-4788



[lumencatolica.official](https://www.instagram.com/lumencatolica.official)

ARAUTOS DO EVANGELHO

Ano XXIV, nº 286, Outubro 2025

ISSN 1982-3193

Revista de cultura
e inspiração católica
publicada por:

Associação Brasileira
Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

ASSINATURA E
ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
(11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação
Assinante (anual): R\$ 285,00 únicos
Participante (por tempo indeterminado):
Colaborador..... R\$ 40,00 mensais
Benfeitor..... R\$ 50,00 mensais
Grande Benfeitor R\$ 60,00 mensais
Exemplar avulso R\$ 24,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.
Av. Marcos Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

➤ EDITORIAL

Confiança a toda prova 4

➤ A LITURGIA DOMINICAL

“Se vós tivésseis fé...” 6

Terra de Santa Cruz, Terra de Maria 7

Quando devo rezar? 8

Tenho-me na conta de justo? 9

➤ EDIÇÃO COMEMORATIVA

Breves traços biográficos –

A história de um “sim” constante 10

Carisma profético –

Um profeta para os nossos dias 14

Escola pliniana de pensamento –

Sabedoria e grandeza ao alcance dos
pequenos 18

Pai espiritual –

A sabedoria posta em pessoas 22

Filho e escravo da Santíssima Virgem –

O mundo para Maria: auge de devoção 26

Varão católico apostólico romano –

Amor sem medida à Santa Igreja 30

Vítima expiatória –

O triunfo conquistado pelo sangue 34

➤ TESOUROS DE MONS. JOÃO

Plínio Corrêa de Oliveira está vivo! 38

➤ ARAUTOS NO MUNDO 42

➤ VIDA DOS SANTOS

O patriarca Abraão – Confiança contra
toda esperança 46

➤ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES

Simpatia 50



Reprodução

10 Trajetória de ilibada fidelidade



Sérgio Miyazaki

18 Uma nova escola de pensamento e de ação



Mário Shinoda

26 Obra escrita não em livros, mas em filhos

Santiago Vieto



38 Um varão da estatura moral de Dr. Plínio desapareceria nas brumas da História como tantos outros? Mais do que um crepúsculo, seu passamento significava a aurora do cumprimento de sua missão



Dr. Plínio na década de 1990

Foto: Mário Shinoda

CONFIANÇA A TODA PROVA

Quem foi Plínio Corrêa de Oliveira? Uma das respostas cabíveis, embora incompleta, consistiria simplesmente em recordar alguns feitos de sua vida: inconteste líder católico, profícuo escritor, fundador de uma obra apostólica cuja influência desconheceu fronteiras... E o elenco de seus atributos poderia, sem dúvida, ser muito mais estendido, como sugerem as páginas desta edição.

A missão de um varão providencial, entretanto, não se circunscreve à sua trajetória terrena. Mais do que indagar quem foi Dr. Plínio, é preciso perguntar quem é – e continuará sendo – Dr. Plínio. Com efeito, certa vez ele mesmo declarou ser sua obra “não um museu, mas um estandarte em marcha”¹.

Essa perenidade que rompe os liames da morte se verifica sobretudo em relação a um fundador pois, como o próprio nome denota, toda a potência de crescimento do edifício de sua obra está contida na solidez do fundamento, que é ele mesmo, e todo o desdobramento da influência dessa obra se reportará sempre ao princípio, o qual concentra sua força. Por isso, a atualidade da figura de Dr. Plínio se evidenciará na medida em que se ponha em ato – se atualize – o seu legado.

Este não permaneceu oculto nos porões da História, nem no recôndito de livros embolorados; ele foi posto num candeeiro e escrito na alma de incontáveis discípulos. E nisso está o seu trunfo. Conforme comentou São Tomás de Aquino,² a perfeição de um ser tanto melhor se revela quanto mais ele é capaz de transmitir a outros aquilo que ele mesmo sabe fazer. Assim, não se pode desde logo conhecer quem é Dr. Plínio, excluindo o papel de seu melhor intérprete: Mons. João Scognamiglio Clá Dias, fundador dos Arautos do Evangelho.

Como ocorreu com o Beato Jordão da Saxônia em relação a São Domingos ou, em outro âmbito, entre São Miguel Rua

e São João Bosco, a grande façanha de Mons. João não consistiu somente em repetir as realizações de seu mestre, mas em levá-las mais longe, tornando realidade os grandes anseios a que as circunstâncias o obrigaram a renunciar em vida e que vemos hoje, em larga medida, concretizados numa obra toda posta a serviço da Igreja, como são os Arautos do Evangelho.

O vigor dessa seiva pode ser intuído nas sementes que Dr. Plínio plantou ao longo de sua vida, regando-as com muito sangue, suor e lágrimas. Sua causa formal se infere do testamento por ele escrito em 10 de janeiro de 1978: “Declaro que vivi e espero morrer na Santa Fé Católica Apostólica e Romana, à qual adiro com todas as veras de minha alma. Não encontro palavras suficientes para agradecer a Nossa Senhora o favor de haver vivido desde os meus primeiros dias, e de morrer, como espero, na Santa Igreja, à qual votei, voto e espero votar até o último alento, absolutamente todo meu amor”³.

Como se torna claro na imagem do estandarte em marcha acima mencionada, Dr. Plínio não se prendia à nostalgia do passado, mas lançava um olhar de esperança para o futuro. Desvencilhada de qualquer “arqueologismo”, para ele a Contra-Revolução vivia das saudades do porvir. E, por essa razão, *confiança* é a palavra que resumiria a postura de Mons. João em face dos acontecimentos que sucederam ao dia 3 de outubro de 1995, data do falecimento de seu pai espiritual.

Confiança porque Cristo venceu a morte e o mundo (cf. Jo 16, 33). Confiança porque Nossa Senhora prometeu em Fátima o advento de seu Reino. Confiança porque os varões providenciais já participam por sua contemplação da eternidade de Deus⁴ e, portanto, não morrem: “Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá” (Jo 11, 25).

A confiança nasce da fidelidade a uma promessa, é nutrida pela altaneria nas lides

do dia a dia, consolida-se pela esperança que não defrauda (cf. Rm 5, 5) e irradia seus efeitos para os pósteros. Dr. Plínio viveu da esperança até o seu último suspiro, ratificando o que declarara: “Depois da morte, espero junto a [Nossa Senhora] rezar por todos, ajudando-os assim de modo mais eficaz do que na vida terrena”.⁵

Nos dramas de toda sorte que se avolumam, os inúmeros exemplos de confiança dados por Dr. Plínio e seu perpétuo “sim” aos desígnios divinos certamente inspiram seus filhos espirituais.⁶ A graça continua a suscitar em seus corações “palavras de doçura e de paz”,⁷ conforme a expressão do Pe. Thomas de Saint-Laurent, e a iluminar o percurso de quem quiser ouvi-las.

No entanto, assim como o triunfo de Dr. Plínio foi conquistado à base de muito sangue,⁸ também isso acontecerá com sua obra. Conforme ele mesmo apontou, a forma mais excelente de confiança é aquela que contraria todos os prognósticos e faz sangrar a alma pelo inopinado, mas que gera frutos abundantes. De fato, somente seguindo as pegadas do Crucificado se pode chegar à glória da Ressurreição.

A efeméride do trigésimo aniversário de falecimento de tão insigne varão se reveste neste ano de 2025 de especial singularidade, pois nos encontramos precisamente num ano jubilar dedicado à esperança, cuja fina ponta chama-se virtude da confiança. Nessa perspectiva, comenta o Papa Leão XIV acerca da verdadeira esperança: ela consiste “não em procurar evitar a dor, mas em acreditar que, até no coração dos sofrimentos mais injustos, se esconde a semente de uma vida nova”.⁹



Mário Shinoda

Dr. Plínio em fevereiro de 1990

A trajetória de Dr. Plínio na Igreja Militante foi uma proclamação incessante de confiança, ainda quando as trevas pareciam dominar definitivamente a luz, à custa até mesmo de tantas injustiças e contradições. Mas é em tais ocasiões que se torna belo crer na luz. Se seguirem seu mestre nesta virtude, seus filhos espirituais — bem como todos os homens de boa vontade — poderão ser paladinos da confiança, mesmo se os acontecimentos desmentirem sua fé. Quando isto ocorrer, hão de acreditar ainda mais na vitória e crer “até no inverossímil, até no impossível, se esse impossível e esse inverossímil estão nas vias de Maria Santíssima”.¹⁰

A confiança é invencível, pois participa da vitória do próprio Deus. ✠

*Mais do que
indagar quem
foi Dr. Plínio,
é preciso perguntar
quem é — e
continuará sendo —
Dr. Plínio.
Seu legado se
assemelha não a
um museu, mas
a um estandarte
em marcha,
posto nas mãos
de incontáveis
filhos*

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. Amparo, 17/10/1985.

² SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.108, a.2, ad 2.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. 10 de janeiro de 1978: um testamento. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano III. N.22 (jan., 2000), p.5.

⁴ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.10, a.3, ad 1.

⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, 10 de janeiro de 1978: um testamento, op. cit., p.5.

⁶ Ver especialmente o artigo *A história de um “sim” constante*, nesta edição.

⁷ SAINT-LAURENT, Thomas. *O livro da confiança*.

São Paulo: Retornarei, 2019, p.13.

⁸ A esse respeito, ver artigo *O triunfo conquistado pelo sangue*, nesta edição.

⁹ LEÃO XIV. *Audiência geral*, 27/8/2025.

¹⁰ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 20/12/1991.



“Se vós tivésseis fé...”



Pe. João Carlos Gomes Barroso, EP

Pela intensidade e integridade com que o homem guarda o precioso dom da fé em sua alma, se poderá medir sua caridade

A Liturgia deste domingo bem poderia ser sintetizada na suave censura do Divino Mestre contida no versículo que intitula este artigo...

E como expressão do que ocorre nas almas com respeito ao dom da fé, a metáfora do grão de mostarda nos insere nos mistérios da própria vida natural, reflexo da sobrenatural. O que é, pois, a vida? Como explicá-la? O que é o dom da fé? Como incrementá-la, uma vez que os próprios Apóstolos pedem ao Mestre: “Aumenta a nossa fé!” (Lc 17, 5)?

Movida pelo enigma da vida, a mente humana se debruça ora sobre as minúsculas sementes de grama que dão origem aos paradisíacos tapetes vegetais britânicos, ora sobre as de sequoia – comparáveis às do tomate em sua dimensão, mas das quais germinarão os gigantes coníferos que maravilham a humanidade –, à procura de compreender os arcanos que elas encerram, sem, contudo, encontrar uma resposta que lhe satisfaça plenamente.

Esse mistério torna-se ainda mais atraente no que concerne à natureza animal... Como de um pequeno ovo surge um gracioso e ágil colibri – em seu gênero, uma joia viva furta-cor – ou a majestosa e aguerrida águia, única capaz de fitar o Sol a olho nu?

Sagrado Coração de Jesus - Casa Monte Carmelo, Caieiras (SP); abaixo, sementes de mostarda



Entretanto, é no próprio ser humano – descrito por São Tomás¹ como um microuniverso – que essa investigação atinge seu clímax e sua maior complexidade, pois ele pode receber, ademais, uma outra forma de vida, infinitamente superior à natural: a vida sobrenatural da graça, participação criada na vida incriada de Deus.

Todo o edifício da vida sobrenatural no homem tem como alicerce a fé, a primeira das virtudes,² aquele “hábito da mente pela qual a vida eterna começa em nós, fazendo o intelecto aderir àquilo que não vê”.³ Desse modo, afirma a Carta aos Hebreus que ela é “a garantia dos bens que se esperam, a prova das realidades que não se veem” (11, 1).

Por isso São Paulo, muito paternal e eloquentemente, insiste com Timóteo: “Exorto-te a reavivar a chama do dom de Deus que recebeste pela imposição das minhas mãos” e “Guarda o precioso depósito [da fé], com a ajuda do Espírito Santo que habita em nós” (II Tim 1, 6.14). Em outros termos, esse dom é tão precioso que todo esforço e vigilância para preservá-lo e fazê-lo crescer nada significa, absolutamente, em comparação com a recompensa eterna de que ele se constitui penhor.

É, assim, pela intensidade e integridade com que o homem guarda o precioso dom da fé em sua alma que se poderá medir a sua caridade para com Deus e para com o próximo; é também por esse dom que ele realizará os maiores atos de heroísmo pelo Senhor, considerando-se sempre um “servo inútil”, sem procurar outra recompensa senão a de servi-Lo; é ainda por esse dom que ele dirá à amoreira ou às montanhas: “Arranca-te daqui e planta-te no mar” (Lc 17, 6), e elas lhe obedecerão. ✚

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Suppl., q.91, a.1

² Cf. Idem, II-II, q.4, a.7.

³ Idem, a.1.

Terra de Santa Cruz, Terra de Maria

✠ Pe. Hélio Rufilo de Oliveira, EP



Certa vez um peregrino que visitava a conhecida “sala dos milagres”, no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, ao ver a quantidade de ex-votos e fotografias postas no teto ficou curioso em conhecer as histórias que estariam por detrás dos retratos. Tendo-se dirigido ao balcão de informações do lugar, perguntou se existia uma compilação das graças alcançadas por aqueles devotos, pois certamente eles tinham enviado alguma descrição do que lhes sucedera. “É impossível fazer tal compilação”, respondeu sem titubear a atendente. E explicou: “Além dessas fotografias que estão afixadas no momento, temos uma grande quantidade guardada, cujo número não para de aumentar... De tempos em tempos substituímos todas pelas novas que chegaram”. Calcula-se que por volta de setenta mil fotografias já passaram pela sala...

Esse fato sublinha bem um aspecto de Nossa Senhora que transparece nas leituras da Solenidade de hoje: sua intercessão infalível, escachoante e abrangente!

Infalível porque Ela é a Mediadora onipotente, cujas orações em muito superam a de Ester, narrada na primeira leitura desta Liturgia, provirem da certeza de possuir as “boas graças” do Rei e de nunca pedir algo que não seja do agrado d’Ele, em virtude da perfeita identidade de vontades entre os dois.

Escachoante, segundo relata o Evangelho das Bodas de Caná, visto que Ela obtém o milagre da conversão de seiscentos litros de água em vinho, já no final da festa de casamento, “apenas” para que os noivos não fiquem em má situação ante os convidados. Trata-se de um milagre propriamente “desnecessário”...

Abrangente pois, como comprova o mesmo milagre, está profundamente enganado quem pense que Ela só atende a necessidades espirituais... Maria Santíssima concede sempre o que é “melhor”, nunca o “menos bom”, tanto no campo sobrenatural quanto no temporal.

Com essas características quis Nossa Senhora pôr o seu trono no Brasil, exercendo sua intercessão com uma superabundância de milagres, proporcionais ao tamanho continental de nosso país.

Além dessa realeza pela conquista individual dos corações, podemos afirmar que a Santíssima Virgem tornou-Se também Rainha de nossas terras a partir do momento em que sua imagem foi solenemente coroada no pontificado de São Pio X e proclamada padroeira da nação em 1931, por Pio XI. Como afirmava Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, por este ato em que o Papa utiliza o poder das chaves, “para efeitos celestes e terrestres Nossa Senhora tem direitos sobre o Brasil ainda maiores”.¹

Portanto, esta solenidade é um dia especial para agradecermos a predileção de Nossa Senhora por nosso país e para pedirmos com empenho que nele, pelo fervor de

sua entrega a Deus e pela prática dos Mandamentos, cumpra-se o que a Virgem proclamou em Fátima: “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará!” Então poderemos aclamar o Brasil plenamente como Terra de Santa Cruz, porque será inteiramente Terra de Maria. ✠



Nossa Senhora Aparecida

Stephen Nanni

O que nos cabe pedir a uma Rainha e Mãe cuja intercessão é infalível, escachoante e abrangente?

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 5/10/1964.

Quando devo rezar?



✠ Pe. Alex Barbosa de Brito, EP

Neste domingo Nosso Senhor nos propõe a parábola da viúva e do juiz iníquo, “para mostrar [...] a necessidade de rezar sempre, e nunca desistir” (Lc 18, 1). Narrada apenas no Evangelho de São Lucas, ela apresenta uma mulher indefesa ante um magistrado perverso que não teme a Deus nem aos homens.

Ao explicar a parábola, Jesus deixa claro que o principal ensinamento nela contido refere-se à atitude do Senhor em relação a nós: “E Deus, não fará justiça aos seus escolhidos, que dia e noite gritam por Ele? Será que vai fazê-los esperar?” (Lc 18, 7). O homem que reza com fé vence, porque se reconhece frágil ante o Onipotente e, com insistência, suplica.

Santo Agostinho, ao comentar esse trecho do Evangelho, afirma: “De maneira alguma aquele juiz injusto representa a Pessoa de Deus. Mas o Senhor quis que desse fato se concluísse o modo como Deus, que é bom e justo, trata com amor aqueles que Lhe suplicam, visto que até um homem injusto, ainda que apenas para evitar o incômodo, não pode tratar com indiferença aqueles que o molestavam com contínuas súplicas”¹. Nosso Senhor, portanto, não põe de manifesto um problema de luta de classes entre um magistrado poderoso e uma pobre senhora, mas de uma outra luta: a que o Pai Celeste trava pelos filhos que tanto ama!

Na primeira leitura temos disso a confirmação: “Enquanto Moisés conservava a mão levantada, Israel vencia; quando abaixava a mão, vencia Amalec” (Ex 17, 11). A oração do profeta lhe fazia participar da onipotência divina.

Desse modo, fica patente ser necessário levantar os olhos para os Céus, pois o socorro nos virá “do Senhor que fez o céu e fez a terra”. Rezar em todo o tempo significar a Ele recorrer “na partida e na chegada”, ou seja, durante a tentação e a prova, como também no momento da vitória, certos de que Deus nos guarda “desde agora e para sempre” (Sl 120, 2.8).

Infelizmente, porém, muitos são aqueles que, nos sucessos, se olvidam de agradecer ao Bom Deus e,

nos fracassos, O acusam de os ter abandonado. E eu, como reajo diante das dificuldades e penúrias? Como me comporto nos tempos de vitória e fartura?

Não nos esqueçamos de que, se a oração nos faz partícipes da onipotência divina, ela também nos ensina que dependemos de Deus. De tal modo que, na Ave-Maria, rezamos: “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte”. Sim, “agora e na hora de nossa morte”, ou seja, sempre! ✠

¹ SANTO AGOSTINHO. *O Sermão da Montanha*. L.II, c.15, n.52.



Membros dos Arautos do Evangelho em oração -
Basilica de Nossa Senhora do Rosário,
Caieiras (SP)

*Quem reza
assume o
comando da
História,
mas aprende
também
que em tudo
depende
de Deus*

Tenho-me na conta de justo?

✠ Pe. Pablo Luis Werner Benjumea, EP



O Evangelho deste domingo nos apresenta a parábola do fariseu e do publicano, narrada por Nosso Senhor a “alguns que confiavam na sua própria justiça e desprezavam os outros” (Lc 18, 9), ou seja, a alguns soberbos. Nela Jesus retrata dois homens que sobem ao Templo de Jerusalém para orar: um fariseu e um publicano.

O primeiro, de pé, dá graças a Deus por não ser pecador como os demais homens; jacta-se de suas virtudes, não pede ao Senhor ajuda nem perdão de suas faltas. O segundo mantém-se à distância, reconhecendo sua indignidade, abaixa a cabeça, admite ser pecador e roga ao Altíssimo que lhe seja propício. O Divino Mestre afirma que o publicano saiu do Templo justificado, mas o fariseu não, porque “Deus resiste aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes” (Tg 4, 6).

Contudo, em que consiste a soberba?

Ela é propriamente um apetite desordenado da própria excelência, pecado que se manifesta de diversos modos como, por exemplo: procurar sobressair-se a qualquer custo; considerar-se melhor do que os demais; rebaixar os outros; ufanar-se de bens espirituais ou materiais, como se procedessem de si mesmo; presumir salvar-se pelas próprias forças, sem contar com a ajuda de Deus.

Trata-se de um pecado muito sério, que abre a porta para todos os demais. Cometeram-no os anjos maus, nossos primeiros pais e... também nós.

A virtude contrária à soberba é a humildade, pela qual reconhecemos o que somos realmente diante de Deus. Como ensina Santa Teresa, “a humildade consiste em andar na verdade, pois é de grande importância não ver coisa boa em nós, mas sim a miséria e o nada”.¹

E nós? Somos humildes ou soberbos? Não é verdade que, em muitíssimas ocasiões, a soberba se constitui em motor de nossas ações? Façamos, pois, um exame de consciência a esse respeito.

Eis algumas perguntas que poderíamos nos fazer: Reconheço que só com a ajuda de Deus irei ao Céu e,

em consequência, procuro levar com seriedade minha vida de oração? Julgo-me melhor do que os outros, zombo deles, os ultrajo ou difamo? Pretendo que os demais me elogiem por minhas virtudes imaginárias, minhas qualidades humanas ou meu aspecto físico, e que me honrem com os melhores postos? Irrito-me quando as coisas não acontecem como desejo?

A Virgem Maria é um exemplo de humildade para todos nós. Perante São Gabriel, Ela Se reconhece como Escrava do Senhor (cf. Lc 1, 38), e no *Magnificat* proclama que Deus “olhou para a humildade de sua Serva” (Lc 1, 48). Essa humildade, porém, não se manifesta apenas por palavras. Logo após a visita do Arcanjo, Nossa Senhora parte para a casa de Santa Isabel, a fim de servi-la; sofre em silêncio as penúrias da viagem ao Egito, como consequência da perseguição de Herodes; em tudo obedece a São José, embora seja a Rainha dos Céu e da terra.

Peçamos a Ela – Medianeira universal de todas as graças – que nos conceda o dom inestimável de ter um coração humilde como o seu. ✠

¹ SANTA TERESA DE JESUS. *Moradas del castillo interior*. Moradas sextas, c.10, n.8.

“A oração do fariseu e do publicano” - Museu Lázaro Galdino, Madri

*Somos
humildes ou
soberbos?
Façamos um
exame de
consciência
a esse
respeito...*

Francisco Lecaros





A história de um “sim” constante

De modo detalhado e com a autoridade de discípulo perfeito, Mons. João já escreveu cinco volumes sobre a vida de Dr. Plínio. Inspirados em sua obra, aqui consideraremos a gesta desse varão católico por apenas um aspecto: a história dos “sim” ditos por ele a Deus ao longo de sua existência.

✠ Pe. Joshua Alexander Sequeira, EP



Poucos na História brilharam tanto pela audácia como o gigante São Paulo. Basta ler alguma de suas cartas, ou os Atos dos Apóstolos, para comprová-lo. Contudo, entre seus atos de arrojo um se sobressai: ele ousou resumir toda a vida do Homem-Deus em poucas frases... e conseguiu! “Jesus Cristo, existindo em condição divina, não fez do ser igual a Deus uma usurpação, mas Ele esvaziou-Se a Si mesmo assumindo a condição de escravo e tornando-Se igual aos homens. Encontrado com aspecto humano, humilhou-Se a Si mesmo, fazendo-Se obediente até a morte, e morte de Cruz” (Fl 2, 5-8). Estava tudo dito: a existência terrena do Verbo Encarnado se sintetiza na obediência ao Pai, como o próprio Nosso Senhor o afirmou (cf. Jo 5, 30; 6, 38; 12, 49).

Guardadas as devidas proporções, o presente artigo também esbarra com um desafio análogo: como resumir a gesta de Plínio Corrêa de Oliveira, em seus oitenta e seis anos de serviço a Deus, a Maria Santíssima e à Santa Igreja Católica Apostólica Romana?

“Senhor, não sou porventura o ‘sim’ constante?”

7 de junho de 1978. No término de uma homenagem filial preparada por seus discípulos em comemoração pelo

aniversário de seu Batismo, Dr. Plínio proferiu emocionados e profundos louvores à Igreja. Comparou ele a Esposa Mística de Cristo ao próprio Jesus que, em meio ao vitupério geral durante a Paixão, fitasse cada fiel e fizesse a pergunta: “Meu filho, tu, pelo menos, Me queres?”

Transido de amor, Dr. Plínio prosseguiu: “Um de nós responderia: ‘Mas, Senhor, que pergunta! Para que existo senão para isso?! Que crime cometi diante de Vós, Senhor, para que sequer formuleis essa pergunta? Eu não sou porventura o ‘sim’ constante, o ‘sim’ ininterrupto de todas as horas do dia e da noite, pronto para receber tudo quanto Vós quereis dar?’”

Eis, em suas próprias palavras, uma via para sintetizar a existência desse

varão: um “sim” constante, renovado em todos os períodos de sua vida.

“Sim” à inocência e ao maravilhoso

No Domingo *Gaudete* de 1908 – celebrado no dia 13 de dezembro naquele ano –, Dona Lucília Corrêa de Oliveira dava à luz o pequeno Plínio, na cidade de São Paulo. Ela foi a primeira escola onde o filho aprendeu o amor a Deus; com efeito, “a maior das universidades não tem o papel da mãe”.²

Na “universidade luciliana” Plínio se encantou pela inocência e pela Fé Católica, e hauriu esmerada formação moral e intelectual. Dotado do carisma de discernimento dos espíritos, contemplava na mãe a bondade, a elevação e o equilíbrio, predispondo-se assim para receber, ao frequentar o Santuário do Sagrado Coração de Jesus,³ graças de profunda penetração no espírito da Santa Igreja e de Nosso Senhor.⁴ Aos quatro anos, durante uma viagem à Europa com a família, maravilhou-se por sua vez com os frutos do Preciosíssimo Sangue do Salvador brotados na Cristandade.

O “sim” a essas graças primevas foi íntegro: “Desde pequeno, olhando a Igreja Católica, e não só ela, mas aquilo que dela se derramou na sagrada Civilização Cristã, eu tomei tudo como certo, infalível, indiscutível”.⁵

*Fiel às graças
primevas, o pequeno
Plínio contemplou e
amou a Santa Igreja
e tudo aquilo que dela
se derramava sobre a
Civilização Cristã*

Batistério da Igreja Santa Cecília, em São Paulo, onde Dr. Plínio foi batizado. Em destaque, Plínio nos braços de sua mãe, Dona Lucília



Reprodução

No dia 19 de novembro de 1917, Plínio recebeu a Primeira Comunhão, cujo acesso às crianças fora incentivado pouco antes por São Pio X. No Santíssimo Sacramento obteria ele as forças para manter-se fiel ao “sim” inicial e a todos os subsequentes: “Eu compreendia bem que o ‘Pão dos fortes’ me ajudaria a percorrer uma estrada dura, a estrada da fidelidade, a estrada de um dever que muitas vezes custaria o sangue da alma”.⁶

“Não” ao mal, que preparou o “sim” mais doce da vida

Em fevereiro de 1919, Plínio foi matriculado no prestigioso Colégio São Luís, dos padres jesuítas. Tendo vivido até então em um meio exclusivamente familiar, sua mentalidade entrou em total choque com o ambiente encontrado entre os alunos: as fórmulas de educação, ainda ensinadas com esmero naquele tempo, eram rejeitadas e ridicularizadas; a brutalidade imperava; as conversas imorais haviam-se tornado inescrupulosamente habituais.

Mais tarde ele compreendeu que a mentalidade propagada pelo cinema de Hollywood era o veículo que criava no mundo inteiro esse modo de ser espontâneo, impuro e gozador, caracterizado pelo desprezo aos valores do passado cristão. E concluiu: “No fundo, aquela era uma luta religiosa: tratava-se de ser ou não ser como Nosso Senhor havia determinado”.⁷

“Aconteça comigo o que acontecer, eu serei contra esse mundo. Serei a favor da pureza, da Igreja, da hierarquia e da compostura”

Perante sua constância a oposição dos colegas generalizou-se, chegando à agressão: num recreio, Plínio recebeu uma forte pedrada na cabeça. A carga profunda de ódio, desejoso de destruição, trazia um brutal aviso: se não cedesse ao mundo moderno, a perseguição seria dura, até o fim. Tomou ele, então, a firme deliberação: “Aconteça comigo o que acontecer, eu serei contra esse mundo. Serei a favor da pureza, da Igreja, da hierarquia e da compostura, ainda que tenha de ser o último dos homens, pisado, esmagado, triturado!”⁸

Era um novo “sim”, bradado em forma de “não” ao mal.

Contudo, às provas sucedeu a maior das graças: experimentar a misericórdia de Maria Santíssima.⁹ Era a devoção à Mãe de Deus, cerne de sua espiritualidade, que se iniciava diante uma imagem da Virgem Auxiliadora. E Plínio deu a Ela o “sim” mais filial e doce de toda a sua vida.

“Sim” à santidade: luta pela pureza e entrada no Movimento Católico

As lutas recrudesceram ao ingressar na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em 1926. Como é normal na idade em que se encontrava, assaltaram-no sobretudo as tentações contra sua virginal pureza. Resistiu só, isolado em meio aos círculos da alta sociedade, na qual se julgava ridículo e desprezível um jovem não frequentar lugares de pecado.

Por essa razão Plínio surpreendeu-se, em 1928, ao avistar uma faixa que tomava todo o exterior da Igreja de Santo Antônio¹⁰ anunciando o Congresso da Mocidade Católica. “O que ele sentiu nesse momento? Ficou maravilhado, como se lhe caísse um pedaço dos Céus nas mãos!”¹¹ Sua adesão, imediata e entusiasmada, constituiu um desafio à sua classe social, ausente quase por completo do Movimento Católico.

Tendo conhecido a *História de uma alma* de Santa Teresinha nesse período, decidiu: “Quero ser santo!” E, na Sexta-Feira Santa de 1929, sentiu o chamado a um “sim” explícito, como narraria mais tarde: “Meu filho, não queres tu pelo menos Me ajudar? Do alto da Cruz, Eu te vi. Se tu disseres ‘sim’ ao meu convite, tu Me darás hoje alegria, no meio dos meus



Reprodução



Reprodução



Arquivo Revista



Da esquerda para a direita: Plínio no Colégio São Luís, em 1924; em meados de 1934; na década de 1950; em 1974; no ano de 1989; em 1995, último ano de sua vida

sofrimentos. Se tu disseses ‘não’, tu aumentarás a taça de vinagre que Me cabe beber”.¹²

A resposta não se fez esperar: “Esse ‘sim’ não foi dito apenas naquela Sexta-Feira Santa, mas nessa ocasião foi pronunciado com muita significação”.¹³ Abria-se então uma fase de batalhas em prol da Igreja, na qual teria particular destaque o apostolado através do jornal *O Legionário*, do qual Dr. Plínio se tornaria redator-chefe.

“Sim” à obediência: o deputado mais jovem e mais votado do Brasil

No ano de 1932, o governo provisório convoca eleições nacionais para dar ao Brasil uma nova Constituição. Em São Paulo funda-se a Liga Eleitoral Católica, tendo Dr. Plínio como secretário-geral, e seu nome é proposto por Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo Metropolitano, à lista dos candidatos a deputado. Superando muitas dúvidas, Dr. Plínio percebe que na obediência ao seu prelado estava, no fundo, um novo “sim” à vontade divina.

As votações, realizadas a 3 de maio de 1933, trazem um resultado estrondoso: o líder católico é o deputado mais jovem e mais votado da História do Brasil, tendo ultrapassado o dobro do número de votos recebidos pelo segundo colocado!

O “sim” ao fracasso...

Entretanto, inicia-se uma fase em que a Providência lhe exigirá a repetida

*A cada batalha vencida
para cumprir a vontade
divina, a Providência
pedia a Dr. Plínio
novos e maiores
sacrifícios, por ele
prontamente oferecidos*

aceitação de fracassos, entre os quais o de misteriosamente não ser reeleito para um segundo mandato, tendo sua carreira política encerrada.

Ao completar seus trinta anos, Dr. Plínio começa a notar uma perigosa infiltração nos meios católicos, a qual se insurge contra as formas tradicionais de piedade e virtude. As inovações sorrateiramente ganham terreno, mesmo entre membros do clero... Enquanto multiplica os relatórios à Santa Sé sobre a situação, ele elabora um livro para denunciar os erros: *Em defesa da Ação Católica*.

Lançado em 3 de junho de 1943, com prefácio do Núncio Apostólico, Dom Benedetto Aloisi Masella, a publicação acarreta, como previsto, o fim da projeção de Dr. Plínio nos meios católicos, fulgurante até então. Sua ação é metodicamente anulada por aqueles que bafejavam as tendências heterodoxas, ocasionando um longo e terrível ostracismo.

“Sim” à paternidade espiritual dos mais fracos

Ao longo da década de 1950, Dr. Plínio se dedicará quase exclusivamente à formação de um pequeno número de seguidores, conhecido como o grupo do *Catolicismo* em razão do mensário homônimo por ele fundado.

Dr. Plínio dará então à Providência um novo “sim”: o de ser pai espiritual de uma geração alquebrada por séculos de processo revolucionário, a qual conduzirá com admirável paciência e bondade.

Tal fidelidade desabrochou num encontro histórico: a 7 de julho de 1956, o jovem João Clá lhe é apresentado nas escadarias da Basílica do Carmo.¹⁴ A partir dessa data, o rumo será outro na vida de ambos. Afinal Dr. Plínio encontrava um discípulo disposto a lutar com a mesma entrega, generosidade e amor!

“Sim” à vitimação por sua missão e obra

Nos próximos anos de sua existência, especialmente notável é o lançamento do profético livro *Revolução e Contra-Revolução*, em 5 de abril de 1959, e a fundação da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade – TFP –, em 27 de julho de 1960.

E como aqui nos cabe considerar a história dos “sim” de Dr. Plínio, dois fatos reclamam nossa atenção.

O primeiro se refere à *graça de Genazzano*, recebida em 16 de dezembro de 1967,¹⁵ ocasião na qual a própria



Mãe do Bom Conselho dá o seu “sim” ao filho fiel, com a promessa interior de que ele cumpriria inteiramente a sua vocação.

O segundo fato é o oferecimento de Dr. Plínio como vítima pela sua obra, feito em 1º de fevereiro de 1975 e colhido pela Providência por meio de um desastre de automóvel.¹⁶ Deste “sim” virá uma torrente de graças para o movimento por ele fundado, com o florescimento do apostolado desenvolvido pelo então Sr. João Clá.

O “sim” final e reparador

No ocaso da vida, Dr. Plínio podia apresentar-se ao justo Juiz com as mãos repletas de frutos espirituais: incontáveis batalhas travadas pela Santa Igreja e pela Civilização Cristã; milhares de conferências e palestras proferidas, numerosos livros e artigos publicados, nos quais havia exposto a doutrina católica com plena exatidão;

Não terá sido o “sim” constante de Plínio Corrêa de Oliveira um “ato de virtude imenso”, reparador do passado e penhor de uma nova era?

uma obra florescente, com filhos espalhados por todos os continentes; uma existência nimbada por uma adamantina fidelidade. Assim cerrou ele os olhos para este mundo no dia 3 de outubro de 1995.

Todavia, sua existência supera em muito o âmbito pessoal.

A História dos homens se encontra marcada por uma longa sequência de infidelidades: os “não” e os “talvez amanhã” de tantas almas chamadas, cuja incorrespondência foi o principal fator no assombroso avanço do mal nos últimos séculos. Não constituiria essa defecção dos eleitos uma espécie de “pecado imenso”, consciente e deliberado? Então, não teria sido o “sim” constante de Plínio Corrêa de Oliveira um “ato de virtude imenso”, reparador das negações passadas e penhor de uma nova era de graças jamais imaginada? O futuro o dirá...

Uma coisa, porém, é certa. Mesmo depois de partir para a eternidade, Dr. Plínio continua vivo naqueles em cujas almas foi posta uma semente de profetismo participativa do próprio carisma dele, como se comprovará nas páginas seguintes. ✦

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 7/6/1978.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 12/5/1980.

³ Localizado no Bairro dos Campos Elíseos, em São Paulo.

⁴ A esse respeito, ver o artigo *Um profeta para os nossos dias*, na presente edição.

⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 1967.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 22/11/1982.

⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Notas Autobiográficas*. São Paulo: Retornarei, 2010, v.II, p.527.

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 1954.

⁹ Fato narrado com mais detalhes no artigo *O mundo para Maria: auge de devoção*, nesta edição.

¹⁰ Localizada na Praça do Patriarca, em São Paulo.

¹¹ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.II, p.81.

¹² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 20/4/1973.

¹³ Idem, ibidem.

¹⁴ Localizada na Rua Martiniano de Carvalho, em São Paulo.

¹⁵ Ver os artigos *O mundo para Maria: auge de devoção* e *O triunfo conquistado pelo sangue*, na presente edição.

¹⁶ Episódio narrado mais por menorizadamente no artigo *O triunfo conquistado pelo sangue*, nesta edição.



Um profeta para os nossos dias

Bem cientes de que o carisma profético nunca abandona a Igreja, podemos afirmar que Plínio Corrêa de Oliveira foi um profeta? Recordemos, à guisa de resposta, alguns fatos de sua vida.

✠ Pe. Luiz Francisco Beccari, EP



Ao voltarmos nossa atenção para os acontecimentos do Antigo Testamento, ficamos aterrados com a grandeza da missão profética. Moisés rasga o Mar Vermelho em dois, Elias faz descer fogo do céu, Isaías prevê maravilhas com séculos e séculos de antecedência...

O cortejo dos profetas, entretanto, não acabou quando São João Batista apontou o Messias anunciado. Pelo contrário, conforme categórica afirmação de São Tomás de Aquino, Deus também continuamente os envia à Igreja: “Em cada época, não faltou ninguém dotado do espírito de profecia, não para ensinar uma nova doutrina sobre a Fé, mas para dirigir a atividade humana”.¹

É bem verdade que todo batizado participa da tríplice missão de Nosso Senhor Jesus Cristo: sacerdote, profeta e rei.² Não obstante, a Providência Divina dispensa o caráter profético com suprema largueza a alguns de seus filhos, e é por meio deles que o Espírito Santo continua a falar no Novo Testamento.

Farol que alerta e guia

Crê-se com frequência que o profetismo consiste, acima de tudo, na previsão do futuro. Essa concepção simplista não abarca, no entanto, a essência da missão profética.³

O profeta pode, sim, ser auxiliado por uma luz divina para anunciar o

porvir, mas este dom é quase um adendo ao seu carisma que, por tratar-se de uma graça concedida em benefício de



Reprodução

Plínio em 1919 aproximadamente

No primeiro choque com o ambiente revolucionário, aos onze anos de idade, Plínio já recebeu uma clara intuição sobre o futuro

terceiros, tem como finalidade favorecer o próximo, conforme as palavras do Apóstolo: “Aquele, porém, que profetiza fala aos homens, para edificá-los, exortá-los e consolá-los” (I Cor 14, 3).

Ele, portanto, “sabe ler na trama dos acontecimentos o desígnio de Deus”,⁴ ficando assim capacitado a alertar a humanidade e a guiá-la rumo ao cumprimento dos planos divinos. Vemos, então, surgirem em todos os tempos e lugares esses varões e damas que se constituem em faróis da História. São Bento, São Bernardo, Santa Catarina de Sena e Santa Joana d’Arc são exemplos de almas que saíram “dos limites comuns da atividade humana para exercer um ministério angélico: falar no lugar de Deus”.⁵

Desse modo, bem cientes de que o carisma profético nunca abandona a Igreja, podemos afirmar que Plínio Corrêa de Oliveira foi um profeta? Recordemos, à guisa de resposta, alguns fatos de sua vida.

Previsões grandiosas, feitas por um menino

Quando Plínio, aos onze anos de idade, teve o seu primeiro grande choque com o ambiente revolucionário, já então recebeu uma clara intuição sobre o futuro. Contemplava, no pátio do Colégio São Luís, a perfeição do universo materializada na vegetação, nas

nuvens e na fauna; mas, por cima dessa harmonia natural, ele entrevia uma ordem superior e espiritual, representada nos sacerdotes que passavam, rezando, por aquele lugar. “De repente”, lembraria mais tarde, “consolidou-se no meu espírito a seguinte ideia: existia tanta oposição entre a inocência, a retidão e a santidade da Igreja [...] e a mentalidade desses alunos ruins que, em certo momento, os objetos inanimados, os bambus, a terra, as pedras da rua e as construções das casas se revoltariam diante da agressão dos pecados, em legítima defesa”.⁶

Configurava-se diante dele uma perspectiva grandiosa, em que o castigo divino purificaria um mundo pecador e tomado pela Revolução. Era o que ele, posteriormente, denominaria de “Bagarre”.

Essas considerações, que poderiam ser tomadas como meras impressões infantis, foram corroboradas pelas palavras da própria Mãe de Deus, embora Plínio então as ignorasse. Com efeito, poucos antes a Virgem de Fátima também anunciara, na Cova da Iria, que gigantescas calamidades adviriam por causa da maldade dos homens.

Alguns anos mais tarde atravessava ele a Praça do Patriarca, no centro de São Paulo. Enquanto bimbalhavam os sinos da Igreja de Santo Antônio, um novo prenúncio o encheu de alegria. Entreviu uma procissão grandiosa, com pompas militares, em que Maria Santíssima era aclamada como soberana do mundo. A humanidade, completamente transformada, viveria então o que a Igreja pede há dois milênios: “Venha a nós o vosso Reino!” Seria “uma era em que os homens receberiam os últimos ensinamentos antes de a História terminar [...]”. O que agora existe de bom vai permanecer, mas essa época será muito melhor do que tudo isso, pois ela constituirá a réplica de

Deus contra o mal. E a Igreja será a rainha!”⁸

Essa promessa que a Providência lhe fazia no fundo da alma era o complemento lógico da “Bagarre”: onde antes reinara a Revolução, se levantaria a catedral esplêndida do Reino de Nossa Senhora.

Também aqui as promessas de Fátima abonavam as previsões de Plínio: “Por fim”, profetizara Maria Santíssima, “o meu Imaculado Coração triunfará!”

Sozinho, mas vitorioso

A solenidade faz parte da grandeza e, por isso, as grandes profecias demonstram em realizar-se. Que fundamentos teríamos, pois, para ver em Dr. Plínio um carisma profético, se estas suas premonições, confirmadas pelas referidas aparições, não foram ainda seladas pelos acontecimentos? Voltemos nossa atenção para a época que precedeu e acompanhou a Segunda Guerra Mundial: ali poderemos constatar alguns exemplos da acuidade propriamente profética a ele concedida.

Passado o drama terrível da Primeira Grande Guerra, o jovem Plínio, contrariamente à atitude geral dos que o circundavam, avistava para breve

a chegada de maiores flagelos. Sua preocupação ficou registrada numa carta de 1931, oito anos antes do início do novo conflito: “Não tarda a tempestade, que deverá ter uma guerra mundial como simples prefácio. Mas esta

A mensagem da Virgem de Fátima veio corroborar a premonição que ele tivera ao contemplar o bambuzal no pátio do colégio



Pátio do Colégio São Luís; ao fundo, o bambuzal visto por Dr. Plínio.
À direita, imagem de Nossa Senhora de Fátima

guerra espalhará pelo mundo inteiro uma tal confusão, que revoluções surgirão em todos os cantos, e a putrefação do triste 'século XX' atingirá seu auge".⁹

A guerra estourou em 1939. Dos dois lados da conflagração fervilhavam ideologias aparentemente antagônicas e irreconciliáveis: o nazismo e o comunismo. Entretanto, contra a Opinião Pública mundial, Dr. Plínio apontava uma velada mas real identidade de doutrinas e objetivos entre ambos os sistemas. E, no jornal *Legionário*, ele denunciou para breve uma aliança entre os pretensos rivais: "Enquanto todos os campos se definem, um movimento cada vez mais nítido se processa. É o da fusão doutri-

nária do nazismo com o comunismo".¹⁰ Considerada do ponto de vista humano, tal previsão seria pelo menos um exagero, quando não um disparate. E assim o alerta de Dr. Plínio foi recebido pela sociedade, gerando um verdadeiro escândalo.

Entretanto, transcorridos poucos meses o alvoroço se tornou estupor, pois o prognóstico se cumpriu à risca: em agosto de 1939, o Pacto Ribbentrop-Molotov consagrava a união nazicomunista.

Muitos outros acontecimentos como esses, delatados com antecedência por Dr. Plínio, iam confirmando o acerto de sua voz de alerta.

Conduzindo os homens para os desígnios de Deus

Contudo, como acima afirmamos, o profetismo não consiste essencialmente em prever o futuro. Tais anúncios, cumpridos no tempo, servem sobretudo para provar a autenticidade da missão. O âmagos dessa vocação está, conforme indica o Aquinate na já mencionada citação, em "dirigir a atividade humana".

Em Plínio Corrêa de Oliveira também este as-

pecto tornou-se bem patente desde a primeira etapa de sua vida pública. Sua palavra inflamava as multidões, constituindo-se assim uma natural chefatura. "Não era um cargo", lembrava ele, "não era uma função; era um prestígio, uma influência, uma importância, uma liderança aclamada por todos".¹¹ A tal ponto que aos vinte e quatro anos ele foi eleito com largueza de votos como deputado da Assembleia Constituinte de 1934, para defender os interesses da Igreja.

Outro episódio demonstrou ainda mais o fascínio com que a graça o revestia, para que conduzisse a sociedade no reto caminho. Em 1942 o IV Congresso Eucarístico Nacional reuniu no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, um milhão de católicos. Diante de tão vasta plateia, Dr. Plínio pronunciou um discurso sobre a imensa vocação concedida por

Mais do que prever o futuro, o âmagos da vocação profética está em dirigir a atividade humana no rumo indicado pelos desígnios de Deus



Congresso Eucarístico Nacional de 1942; em destaque, Dr. Plínio discursando em maio de 1943 e artigos do "Legionário" escritos por ele

Deus ao Brasil. A multidão, suspensa dos lábios do orador, irrompeu em palmas e aclamações ao final da exposição: “Plínio! Plínio! Plínio!”

Ocasões como essas se repetiriam ao longo da gesta de Dr. Plínio – tão abundantes que não se poderia sequer enumerá-las num artigo – como consequência do carisma que o levava a conduzir a humanidade nos rumos traçados pela Providência.

A profecia imortalizada

Mas o que significa mover o mundo em comparação com mover o Criador? Pois bem, quiçá este seja o aspecto mais transcendente da vocação profética. Com suas preces e por sua fidelidade o profeta deve apressar, para a maior glória de Deus, o cumprimento das promessas que recebeu.

De que modo? Não apenas proclamando a profecia, mas como que a personalizando. “Os profetas”, ensina Santo Irineu, “não profetizam só pela palavra, mas também [...] por seu comportamento e por suas ações”.¹² Assim também, Plínio Corrêa de Oliveira realizou em si as profecias que anunciou.



Luís Maurício Ferreira

Dr. Plínio em 22 de abril de 1995

É sobretudo pelo sofrimento bem aceito que o profeta deve apressar o cumprimento das promessas de que se tornou depositário

Sua inocência, jamais tocada pelo espírito revolucionário, antecipava a derrota da Revolução que ele entevira

no pátio do Colégio São Luís. A devoção intensíssima que consagrava a Nossa Senhora adiantava os dias do Reino de Maria, antegozado na Praça do Patriarca. A vitória da Virgem Santíssima tornava-se já uma realidade em seu coração!

Restava apenas um elemento para que essa profecia viva tomasse toda a sua magnitude: a cruz. Conforme será visto com detalhe em outro artigo,¹³ a Rainha dos Profetas não privou seu eleito desta coroa, permitindo que,

durante a agonia, ele lutasse com a prova do desmentido: Deus lhe colocara na alma a certeza de que veria o Reino de Maria instaurado; mas onde estava a realização das promessas num mundo onde ainda predominava a Revolução?

No seu leito de morte, Dr. Plínio escutou a resposta dos próprios lábios de Mons. João, o discípulo que prosseguiria sua batalha pela concretização de tão grandiosas profecias: “Dir-se-ia: ‘Então, como fica o cumprimento da missão?’ A missão está sendo cumprida assim, da forma mais perfeita! Porque o sofrimento é o melhor meio de fazê-lo”.¹⁴ ❖

¹ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.174, a.6, ad 3.

² Cf. CCE 783.

³ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, op. cit., q.171, a.3.

⁴ CIARDI, Fabio. *I fondatori, uomini dello Spirito*. Roma: Città Nuova, 1982, p.298.

⁵ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de*

Plínio Corrêa de Oliveira. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.II, p.198.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Notas Autobiográficas*. São Paulo: Retornarei, 2010, v.II, p.543.

⁷ Do francês, literalmente: confusão.

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, op. cit., p.544-545.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. A José Pedro Galvão de Souza. In: *Opera Omnia*. São Paulo: Retornarei, 2008, v.I, p.24.

¹⁰ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Entre o passado e o futuro. In: *Legionário*. São Paulo. Ano XII. N.329 (1º jan., 1939), p.2.

¹¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 7/3/1995.

¹² SANTO IRINEU DE LYON. *Adversus haereses*. L.IV, c.20, n.8: SC 100, 650.

¹³ *O triunfo conquistado pelo sangue*, nesta edição.

¹⁴ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.V, p.454.



Sabedoria e grandeza ao alcance dos pequeninos

Formar uma escola de pensamento constituiu um dos principais anseios de Dr. Plinio. Mais do que lograr uma mera produção intelectual, sua intenção era transmitir um espírito e uma mentalidade.

✠ Pe. Marcos Faes de Araújo, EP



Se a grandeza de um homem se medisse apenas pelo volume de suas obras, já teríamos razões sobejas para ver em Dr. Plinio um autor excepcional. Livros, artigos, entrevistas, manifestos, conferências e exposições informais totalizam hoje um cabedal incalculável de páginas. Entretanto, defini-lo como intelectual e professor notável, articulista brilhante ou escritor profícuo não é considerar senão o rodapé de sua verdadeira personalidade e de sua visão do universo.

Dr. Plinio nunca foi um especialista monotemático, mas um incansável observador dos acontecimentos assistido por especial carisma profético, como visto no artigo anterior. Estar onde quer que o serviço da causa católica o exigisse era o ideal contínuo de sua vida. Todavia, deitava seu maior empenho não na atuação pública, mas na formação de seus discípulos mais próximos, a fim de, entre outros objetivos, fundar uma nova escola de pensamento e de ação.

A origem de uma escola de pensamento

Foi no fim da década de 1950 que Dr. Plinio manifestou claramente esse desejo, convicto de que “o principal era transmitir um espírito e uma mentalidade”.¹ A criação, em dezembro

de 1955, de uma comissão de estudos chamada MNF – abreviação de *manifesto*² – caracterizou as finalidades, os métodos e os temas próprios a essa escola.

Entre as diversas circunstâncias que impulsionaram o surgimento da comissão, estava o desejo de dar continuidade à temática contida no ensaio *Cristandade, a chave de prata*, cujo esboço Dr. Plinio havia começado cinco anos antes. Tal livro continha uma visão inédita sobre a perfeita relação entre a Igreja e o Estado, a ordem sobrenatural e a natural, demonstrando que todo bem da sociedade temporal deriva da Fé e da fidelidade aos preceitos da Igreja.

Assim, ele procurou condensar, naquilo que haveria de ser um grande manifesto, a sua visão da História e, sobretudo, a descrição da ordem sacral

que marcará a sociedade com o triunfo do Imaculado Coração de Maria.

Seja descrevendo as razões mais altas da estética e as finalidades mais nobres da arte, penetrando nas causas profundas de certas transformações sociais, maravilhando-se com a natureza e hierarquia dos Anjos ou auferindo, dos ensinamentos da Igreja a respeito das relações entre as Três Pessoas da Santíssima Trindade, o padrão perfeito do relacionamento humano³ – explicitações originais de grande riqueza teológica e filosófica –, não era próprio à escola de Dr. Plinio o pensamento meramente abstrato. As recordações históricas e as metáforas superabundavam, claras, precisas, sempre belas, grandiosas e atraentes. Altíssimos panoramas de contemplação mística e metafísica tornavam-se simples e acessíveis, segundo o exemplo do Divino Mestre, sobre o qual ele mesmo observou: “A sabedoria de suas parábolas deixa qualquer Platão no fundo do mar...”⁴

Por ocasião de uma viagem a Roma na década de 1960, quis ele ter certeza da sã doutrina de algumas de suas explicitações e pediu a dois de seus discípulos que as apresentassem a especialistas. Afirmaram estes serem aquelas teses a tal ponto coerentes com o pensamento de São Tomás de Aquino que, para refutá-las, se fazia necessário antes derrubar

Dr. Plinio deitava grande empenho na formação de seus discípulos, a fim de fundar uma nova escola de pensamento e de ação



Dr. Plínio durante uma reunião do MNF, no início da década de 1980

todo o edifício tomista. Tal comentário surpreendeu Dr. Plínio, pois nunca tivera tempo de esquadrihar totalmente a obra do santo dominicano. Tamanha consonância com a doutrina da Igreja só podia ser fruto de um operar eminente do dom de sabedoria, que lhe permitia voar para além da sólida estrutura filosófica escolástica, mas na mesma direção apontada por suas torres de pedra.

Graças místicas e doutrina sólida

Quando ainda estudante do segundo ciclo do ensino fundamental, durante as aulas de Lógica ministradas por um mestre jesuíta, Plínio teve, por uma especial ação da graça, verdadeiro encanto ante a lógica de Santo Inácio de Loyola que brilhava então num discípulo dele. A tal arroubo de admiração seguiu-se uma experiência interior que lhe fez ver com suma clareza a mentalidade e o carisma inicianos, a ponto de sentir-se penetrado por uma participação nesse mesmo espírito, a qual lhe conferiu, como benefício gratuito outorgado por Deus, uma agudíssima capacidade de raciocinar que se patentearia em sua própria vida.

Mais tarde, quando cursava o último ano da faculdade de Direito, deu-se um fenômeno análogo ao tomar contato com as obras de São Tomás, pelo qual ele discerniu a mentalidade

*Ele procurava
explicitar e condensar
a sua visão da
História e do universo,
sobretudo da ordem
sacral que marcará
o Reino de Maria*

do Doutor Angélico de modo tão vivo que chegou a assimilar seu método de pensamento, passando a utilizá-lo pelo resto de sua vida.⁵

A essas graças místicas ele conjugou um grande e metódico esforço em conferir todas as suas explicitações com o ensinamento da Igreja e a filosofia por ela abençoada. Definia-se como um “tomista convicto”.⁶

De fato, a base de seu pensamento funda-se na noção do que ele chamava *senso do ser*, referência aos princípios inatos da alma humana que São Tomás e a Escolástica descrevem como o *ser* e a *sindérese*. Em outros termos, a criança percebe instintivamente que não se pode *ser* e *não ser* ao mesmo tempo, e que ela mesma é distinta dos outros seres. Por sua vez, a *sindérese* se define como um

hábito infuso na alma pelo qual a criança, desde a sua mais tenra idade, tem uma noção dos princípios morais fundamentais: entre eles, o que é verdade e o que é erro, o que é bem e o que é mal, o que é pecado e o que é virtude, e tende constantemente para a boa posição pela força deste “instinto” inato.

A partir desses fundamentos filosóficos, Dr. Plínio explicitou toda uma visão do universo baseada na inocência. Contudo, não concebia esta apenas como o estado de alma de quem não pecou, por exemplo, contra a castidade, como se poderia pensar ingenuamente, mas como uma ordenação interior dada por Deus já de início – portanto, antes do uso da razão –, um conjunto de aptidões e impulsos nobres que propiciam um reto julgamento das coisas e situações e permitem optar sempre pelo mais perfeito, mais elevado, mais belo. As graças decorrentes do Batismo fortalecem essa integridade de alma, apesar das más inclinações oriundas do pecado original.

Assim, a fidelidade à verdade expressa nesses primeiros juízos constitui propriamente o estado de inocência, fonte de toda a escola de pensamento e de santidade de Dr. Plínio.⁷

Voo e fecundidade da inocência

O estado de inocência baseia-se primordialmente na conferição do mundo



exterior – o maravilhoso livro da criação – com a harmonia e a ordem interiores, através de uma observação sapiencial e conatural da realidade, seguida do julgamento racional e tendo como instrumentos secundários a leitura e a pesquisa científica. “Eu nunca seria um homem de ler mais do que penso: seria comer mais do que digiro. É um fenômeno doentio... Essa enfermidade, eu a repilo”,⁸ explicava Dr. Plínio.

Como fruto desse hábito contemplativo, afirmou ele certa vez ter em torno de trezentas “pontas de trilho” em sua mente. Assim chamava as intuições e os pensamentos inconclusos que apontavam para novos horizontes, à maneira do início de uma linha ferroviária que convida a adentrar nos mistérios de um caminho distante. Algumas delas guardava na memória desde a infância, persuadido de que encontraria em cada pequena e particular perfeição uma nova maravilha da sabedoria de Deus a compor o imenso caleidoscópio da ordem do universo.

Brevíssima amostra de explicitações plinianas

Mencionemos alguns poucos exemplos de temas por ele desenvolvidos.⁹

Já na infância, observando nos mais próximos a realidade do sofrimento, compreendeu haver neste certas razões superiores, bem como, da parte do homem, uma necessidade psicológica de padecê-lo, o que deu origem às suas explicitações sobre a *sufritiva*.¹⁰

Aos dezoito anos de idade emergiu em seu espírito uma convicção, baseada nos ensinamentos contidos no Livro de Jó (cf. 1, 6-12; 2, 1-6): existe uma re-

alidade na qual, ante o conspecto divino, Anjos e demônios travam uma luta sustentada nos méritos dos homens, que lhes servem de permissões para agir na terra, seja a favor do bem, os Anjos, ou do mal, os demônios. A essa zona, cuja existência se fundamenta na doutrina da Comunhão dos Santos, ele deu o nome de *transesfera* e, durante vários anos, pôde tratar das misteriosas leis que a governam e do modo de atuar em prol da Igreja nesta batalha.

Suas ideias sobre *simbologia* abarcam uma verdadeira vastidão de temas da psicologia e da metafísica, ao considerar o símbolo não como mera convenção ou analogia, mas como realidade ligada ao mundo das *arquetipias*, através das quais o espírito humano pode rumar para o *Absoluto*, que é Deus.

Mas eram o Sagrado Coração de Jesus e o Imaculado Coração de Maria que ocupavam o centro de suas explicitações, baseadas em sua experiência

pessoal ao discernir a Alma de Nosso Senhor. Ele desenvolveu hipóteses sublimes sobre o *Segredo de Maria*, mencionado por São Luís Grignon de Montfort, cuja revelação tornará possível uma *troca de vontades* com o Redentor e sua Mãe Santíssima, fenômeno natural e místico, individual e coletivo, a partir do qual poderá dar-se uma renovação da humanidade. Partia, assim, de muito alto sua descrição sobre a *sociedade orgânica*, série de reuniões em que analisa as bases psicológicas e político-sociais da organização da vida humana segundo a reta ordenação da natureza iluminada pela graça, na qual tudo seria regido segundo a mentalidade do Sagrado Coração de Jesus.

No eixo dessas explicitações encontramos sua visão global e sapiencial da História, jamais apresentada como simples sucessão de acontecimentos desconexos, mas compreendida em função da centralidade da missão da Igreja e da inimizade iniciada no Paraíso com o “*inimicitias ponam*” (Gn 3, 15). Ao comentar episódios históricos, demonstrava um conhecimento profundo das missões dos povos e dos indivíduos diante de Deus, apontando as fidelidades e as prevaricações que explicavam certos *tournants* dos fatos, e fazendo coruscar não só a imensa cultura de um catedrático, mas sobretudo um particular dom ligado ao discernimentos dos espíritos. O livro *Revolução e Contra-Revolução*,

Dr. Plínio tinha em sua mente cerca de trezentas “pontas de trilho”, pensamentos inconclusos que apontavam para novos horizontes

Dr. Plínio em reunião do MNF, na década de 1980



sob muitos aspectos sua obra-mestra, não é senão o índice dessa visão realmente profética da *Teologia da História*.

Manifesto universal

Dr. Plínio de tal forma apreciava a comissão do MNF que a manteve em atividade até o fim de sua vida, chegando a reuni-la três vezes por semana, apesar das intensas atividades que absorviam sua atenção e das demais comissões de estudos que dirigia e conferências que fazia. Ensinou, dando disso exemplos surpreendentes, o quanto sua escola de pensamento era eminentemente contemplativa, sem, entretanto, abandonar a vida ativa.

Apesar de diversas circunstâncias impedirem o surgimento do manifesto como ele havia sido inicialmente

As reuniões do MNF permitiram a explicitação de um acervo doutrinário colossal; mas sobretudo constituíram uma obra viva e fecunda

concebido, as reuniões permitiram a explicitação de um acervo doutrinário colossal, com potencialidades insondáveis que ainda possibilitarão a descoberta de novos horizontes do pensamento católico a fim de “reavivar o senso do ser da humanidade, reconstituindo os fundamentos morais corroídos pela mentalidade revolucionária”.¹¹

Sobretudo, quando Dr. Plínio estava por encerrar sua longa labuta terrena, vivida sem mancha sob o olhar de Maria Santíssima, este *manifesto universal* estava por constituir-se, não em livros a serem sepultados nas bibliotecas, mas numa obra viva, ativa e fecunda, como ele ardentemente desejou. ✚



Exemplares em diversos idiomas do livro “Revolução e Contra-Revolução”, obra-mestra de Dr. Plínio

¹ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.III, p.515.

² Os principais dados a respeito dessa comissão de estudos podem ser conferidos em: CLÁ DIAS, op. cit., p.519-561.

³ Torna-se impossível fazer uma relação completa dos temas desenvolvidos por Dr. Plínio no MNF. Ao longo deste artigo

são apenas mencionados alguns deles. Uma lista mais completa, embora não exaustiva, pode-se encontrar na obra de Mons. João acima citada.

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 24/4/1985.

⁵ Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.II, p.161-163.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Autorretrato filosófico. In: *Catolicismo*. Campos dos Goytacazes. Ano XLVI. N.550 (out., 1996), p.29.

⁷ Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.I, p.37-40.

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 18/2/1968.

⁹ As palavras em itálico fazem parte do vocabulário pliniano ou tomaram sentido próprio em suas explicitações. Exigiriam, portanto, um desenvolvimento mais aprofundado, mas, devido à brevidade deste artigo, serão apenas mencionadas.

¹⁰ Sobre esse tema, ver: RIBEIRO, EP, Leandro Cesar. Aprender a sofrer. In: *Arautos do Evangelho*. São Paulo. Ano XXIV. N.284 (ago., 2025), p.18-21.

¹¹ CLÁ DIAS, op. cit., v.III, p.527.



A sabedoria posta em pessoas

Mais do que em sua atuação pública, era na intimidade que se manifestava um aspecto ímpar da grandeza de Dr. Plínio. Sua bondade sem limites e sua profunda sabedoria, unidas a inúmeros outros predicados, faziam dele o melhor dos pais.



✠ Ir. Maria Beatriz Ribeiro Matos

Nos jardins da Academia, comodamente sentados e reflexivos, mestre e discípulo parecem ainda meditar: Sócrates, com a mão amparando o queixo, prepara-se para dar à luz mais um conceito; ao seu lado Platão, com ouvido atento, aguarda pacientemente. Contudo, os turistas se sucedem, os dias se alternam e os sábios nenhuma novidade proferem: a pedra em que foram talhados é incapaz disso; trata-se de meras estátuas, insensíveis aos séculos e às intempéries.

Como eles, não pequeno é o número dos que entraram para a História pelo pórtico da sabedoria humana, conduzidos por uma inteligência brilhante ou um talento incomum, e tiveram sua lembrança imortalizada em livros e monumentos.

Quicá para esse rol de ilustres entrasse o nome de Plínio Corrêa de Oliveira... Conforme foi mostrado de sobejo em artigo anterior, sua capacidade natural se prestava a isso, o que se evidenciava aos que o conheciam de perto. Um dia, com efeito, certo Bispo muito próximo o aconselhou a retirar-se das absorventes lides apostólicas e da direção de almas para dedicar-se de modo exclusivo à escrita, a fim de deixar devidamente registrado o seu pensamento. “Nós morreremos”, concluía, “mas os livros atravessam os séculos”.

Sem dúvida os pensadores enriquecem a filosofia e a ciência, inspirando escolas e ocupando bibliotecas, e nesse sentido aquele prelado tinha razão. Contudo, algo lhes falta: a memória de suas obras é peregrina, mas sem vida, como as esculturas de Sócrates e de Platão na histórica Atenas... Com eles morre sua genialidade; restam para consulta as letras inanimadas que constituem todo o seu legado, muitas vezes entregues à poeira do esquecimento.

Ora, a grandiosa missão de Dr. Plínio não se resumia no ofício do sábio tal como o mundo o concebe (cf. I Cor 3, 19-20). A Providência ornara sua alma com um conhecimento superior: era de ordem sobrenatural a sua sabedoria, e esta transcende em muito os préstimos do entendimento terreno. Elevada à categoria de dom do Espírito Santo, ela propicia a apreensão de todas as realidades – de Deus e das criaturas – de um mirante divino e tende a tudo dispor segundo essa privilegiada visão.

Assim, os imensos tesouros nascidos de sua contemplação da ordem do universo, Dr. Plínio não os perpetuaria apenas em papéis e brochuras, mas os transmitiria a seus discípulos. A estes, sobretudo, convidaria a segui-lo além, na imitação das suas vias e numa comunhão de objetivos.

Efetivamente, a maior preocupação de Dr. Plínio ao longo da vida não foi sua ação pública nem sua produção intelectual, embora ambas tenham sido profícuas facetas de sua existência, mas sim o empenho em congregar um pugilo de seguidores dispostos a aderir incondicionalmente ao bem. Ungindo as almas destes com seu profetismo, Dr. Plínio seria para eles um pai e eles seriam seus filhos.

Primeiras tentativas

Já na aurora de seu combate, quando a primeira década de vida apenas se completara, destaca-se sua atitude abnegada e generosa para com os demais. Ao enfrentar-se no ambiente escolar com a Revolução e discernir o mal que ela contém, não quis fechar-se na serenidade de sua inocência e repousar na própria retidão, mas decidiu auxiliar seus companheiros e impedir que, inconsciente ou debilmente, fossem arrastados pelos vagalhões mundanos. Assim, junto com a epopeia contra-revolucionária que atravessaria sua vida, nascia também seu apostolado.

Ainda jovem universitário e líder católico, ele viu desabrochar as primícias de seu zelo: pequenos núcleos de seguidores constituíram-se junto a ele. Quão agraciados teriam sido esses combatentes da primeira hora se,

abertos ao profetismo e fidelidade de Dr. Plínio, houvessem correspondido plenamente a tal dádiva, deixando-se conduzir por ele contra vento e maré!

Mas, *hélas*, abalados pela cruel perseguição – ora ostensiva, ora silenciosa – que se desencadeou sobre seu mestre, alguns o traíram, outros o responsabilizaram pelos insucessos havidos; todos, enfim, voltaram-se para ninharias, tornando-as objeto de dissensões internas que Dr. Plínio era obrigado a solucionar, exaurindo boa parte das energias que poderia aplicar em combates bem mais gloriosos aos próprios olhos...

Entretanto, em meio aos desmentidos e incertezas, a ação delicada da Providência descortinaria passo a passo sua elevada missão. Sua ação junto aos companheiros transporia os limites próprios a uma mera figura pública católica e tomaria sua verdadeira proporção.

O conúbio com a Contra-Revolução

Embora anteviesse que um grandioso futuro o aguardava, com humildade Dr. Plínio se perguntava se não haveria alguém a quem ele devia seguir. Como um vassalo à busca de seu suserano, visitou eminentes figuras ultramontanas do Velho Continente, mas a conduta moral incoerente e a posição nostálgica e carente de iniciativa destas apagou suas últimas esperanças...

Dessa dolorosa constatação floresceu a certeza do chamado ímpar com que fora agraciado: “Eu percebia que uma tradição quase milenar estava expirando, mas não morria inteiramente porque habitava em mim, e a partir de mim teria seu renascimento. Deu-se aí uma espécie de união entre esta vocação e eu muito mais profun-



Reprodução

A escola de pensamento de Dr. Plínio não se perpetuaria em livros, mas em discípulos, aos quais ele convidaria a uma comunhão de objetivos

Dr. Plínio junto a Mons. João em meados da década de 1960

da do que antes; uma verdadeira troca de vontade com a Contra-Revolução, enquanto oposta a todo o mal feito e trazendo em si os germes para destruir esse mal e fazer o contrário, pela qual eu como que passei a ser coidêntico com ela”¹.

A alma de Dr. Plínio, como escritório onde coexistiam as sublimidades do passado e a promessa de esplendores futuros, estava pronta para dar à luz os filhos e filhas que, ao longo das décadas e dos séculos haveriam de ser herdeiros de seu espírito e de

sua luta. Quiçá o sofrimento causado pelo isolamento e pela incompreensão tenha sido o valioso resgate que, em favor das novas gerações, ele pagou a Nossa Senhora.

Com efeito, após anos estéreis e tormentosos, como por um milagre o Grupo² tomou outra vida com os jovens que desde então não cessaram de chegar. Entre eles, sem dúvida, o fruto mais abençoado da fecundidade espiritual de Dr. Plínio foi Mons. João, futuro fundador dos Arautos do Evangelho.

Acolhida paterna de uma geração quebrada

Talvez se admirasse um observador contemporâneo se lhe fosse dado contemplar os momentos de convívio entre Dr. Plínio e seus discípulos mais novos. Embora absorvido por ocupações de grande descortínio, em defesa da causa católica e da Civilização Cristã, nunca lhe faltava tempo para aconselhar um, animar outro e conversar com todos, num relacionamento em que seriedade e benevolência, respeito e intimidade se harmonizavam.

Com os primeiros dessa geração, ainda não preparados para participar das conferências proferidas ao conjunto,

ele aproveitava um breve comentário sobre o Santo comemorado no dia para transmitir-lhes os mais variados ensinamentos. Essas palestras informais tomaram tanto vulto que, com os anos, tornaram-se um dos pontos de referência da formação ministrada por Dr. Plínio e assumiram o lugar das reuniões plenárias, transcendendo em muito seu conteúdo inicial.

O crescimento da obra trouxe para Dr. Plínio um aumento das atividades e a consequente redução do tempo disponível. Ele, porém, não duvidou em



Sergio Miyazaki

Nunca lhe faltava tempo para aconselhar um, animar outro e conversar com todos, num relacionamento cheio de respeito e intimidade

À esquerda, Dr. Plínio durante uma conferência, em 12 de fevereiro de 1994; acima, cumprimentando um de seus filhos em 31 de janeiro de 1993

ainda retirar alguns períodos de sua apertada rotina para conviver com aqueles que davam os primeiros passos na vocação contra-revolucionária.

Fazia, por exemplo, abençoadas *palavrinhas*, nas quais grupos de rapazes – fossem estudantes antes de partirem para suas aulas ou juveníssimos discípulos vindos de outras regiões do Brasil e do exterior – expunham com total confiança suas dificuldades para vencer as batalhas da virtude em idade tão delicada, suas incipientes inquietudes doutrinárias ou sua curiosidade a respeito da história daquele pai que os acolhia com tanta afabilidade. Dr. Plínio atendia a todos e costumava concluir o encontro cumprimentando pessoalmente a cada um, momento inesquecível em que não faltavam trocas de palavras e conselhos rápidos, mas profundíssimos, pois iluminados pelo carisma de discernimento dos espíritos com que ele fora ornado pela Providência.

E o que dizer do chá da tarde – parte de seus hábitos desde a infância –, durante os quais ele aproveitava para, rodeado de filhos um pouco mais veteranos, responder às mais variadas perguntas, resultando num cabedal de ensinamentos que até hoje é suma-

mente proveitoso para as gerações que se sucederam?

Essa dedicação comovedora, da qual apenas demos mínimas pinceladas, não eram manifestações irrefletidas de uma afabilidade circunstancial. Pelo contrário! Mais do que instruir as mentes, a Revolução forjou um modo de ser – desleixado, vulgar, irrefreado – pelo qual arrastou o mundo. Em sentido oposto, Dr. Plínio aproveitava cada ocasião para, com paciência e magistralidade, fazer de seus discípulos símbolos vivos da Contra-Revolução, de maneira que a posterior atuação deles convidasse constantemente para o bem a humanidade pródiga e constituísse uma base para a implantação do Reino de Maria.

A fecunda semente de uma nova forma de vida comunitária

Entretanto, para que eles alcançassem tal identidade com a causa era necessário que, afastando-se do bulício mundano, se deixassem molar pela atmosfera sobrenatural. Anos antes, em viagem à Europa, Dr. Plínio constataria o efeito benéfico sobre seus acompanhantes de longos períodos passados em oração no convento franciscano *Eremo delle Carceri*. Dis-

cernindo neste fato um sinal da Providência, tempos depois ele constituiria os chamados *êremos*, residências onde seus discípulos, levando vida comunitária voltada à contemplação, ao cerimonial e ao trabalho intelectual, procurariam traduzir em modos de ser os princípios da Contra-Revolução, como explicou Dr. Plínio ao traçar a missão da comunidade que deveria ser o modelo das demais: “Este é o êremo da doutrina convertida em fatos, da sabedoria posta em pessoas, em ação, em estilo de vida, em realidades concretas, palpáveis e tangíveis. Eis o motor do navio: apresentar a sabedoria em termos práticos, vivenciais, pelos quais a pessoa suba até a doutrina”.³

Contudo, para plasmar um tipo humano, além do ambiente era necessária uma vestimenta: inspirado naquele que já usavam enquanto terciários da Ordem do Carmo, foi idealizado um novo hábito. Ao contemplá-lo, Dr. Plínio manifestou seu comprazimento: “[Os escapulários] exprimem com uma plenitude inteira o espírito do qual nós devemos ser portadores”. E concluiu: “Pela primeira vez na vida, vou usar um traje em que eu me sinto expresso”.⁴

Cântico gregoriano, silêncio, oração, disciplina; tudo concorria para

restaurar em almas marcadas pelo ritmo revolucionário o equilíbrio, a paz e a compostura. Assim, aos poucos Dr. Plínio introduziu aqueles jovens numa vida de cerimonial, em que a sacralidade era a mestra.

“Fui eu que vos gerei em Cristo”

Dr. Plínio lhes comunicava o espírito da Contra-Revolução de que estava plena sua alma, ensinava-os a dar passos certos na virtude, confortava-os na luta e amparava-os nas quedas: era, no mais elevado dos aspectos, um pai. Podia repetir com propriedade as palavras do Apóstolo: “Fui eu que vos gerei em Cristo” (I Cor 4, 15).

O relacionamento que se estabelecia pela filiação espiritual fundava-se numa profunda benquerença, que partia do coração paterno e encontrava eco em seus seguidores: “Meus filhos, algo nas relações vossas comigo [...] me lembra as minhas relações com mamãe. [...] Trata-se da repetição de minha história, na realização daquele provérbio de que quem foi bom filho é pai feliz”.⁵

Se, quando correspondido, o afeto paterno já é admirável, talvez sua

beleza mais profunda só se manifeste perante a ingratidão. Numa conversa Dr. Plínio revelou: “Vendo um membro do Grupo, ainda quando malbarata um fundo do chamado que nele não está extinto, eu o quero bem e tenho essa dileção. Isso não supõe uma reciprocidade. O próprio do amor paterno é ser tal que quase elimina a reciprocidade. De maneira que, recebendo as piores ingratidões, age como se não houvesse nada”.⁶

E não se tratava de meras palavras. Em relação aos que lhe estavam ligados, desde que houvesse arrependimento verdadeiro e propósito de emenda, ele estava disposto a passar por cima das maiores infidelidades, deitando seus olhos sobre o chamado que a Providência depositara na alma daquela pessoa e deixando o resto para trás.

Uma paternidade acima do tempo

Ter a Dr. Plínio por pai não foi privilégio exclusivo das gerações que gozaram da ventura de conviver com ele. Regida pelas leis do espírito, sua paternidade não está sujeita às limitações da natureza nem aos ditames do tempo.

Com efeito, se alguém se orgulhasse por pertencer, em centésimo grau,

à descendência de um grande personagem, as leis da matéria não permitiriam que se considerasse diretamente seu filho, pois séculos e gerações os separariam. Da eternidade, porém, Dr. Plínio continua gerando filhos e filhas espirituais, aos quais transmite seu espírito e conduz nas vias da Contra-Revolução.

Assim, através dos anos o vínculo que a ele nos une não se dilui, não se distancia. Hoje, três décadas após sua passagem, o mesmo afeto sobe até ele de corações que, nunca o tendo encontrado fisicamente, mas possuindo seu espírito e prolongando sua gesta, podem com toda a propriedade chamá-lo pai. ✧

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 12/12/1985.

² Modo como, internamente, passou a ser designado o movimento fundado por Dr. Plínio.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 6/3/1972.

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 13/9/1971.

⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 23/10/1980.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 4/4/1988.

O vínculo que a ele nos une não se diluiu, não se distancia. Hoje, o mesmo afeto sobe até ele de corações que, nunca o tendo encontrado fisicamente, podem com toda a propriedade chamá-lo pai

Missa na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP); em destaque, Dr. Plínio em 14 de dezembro de 1994



Arquivo Revista





O mundo para Maria: auge de devoção

A união de Dr. Plínio com Nossa Senhora, monte posto acima de todos os outros montes, consistiu numa sublime escalada de píncaro em píncaro, até a consumação de sua vida.

✠ Pe. Rodrigo Alonso Solera Lacayo, EP



Se eu conhecesse São Luís Grignon de Montfort cinco minutos antes de sua morte”, disse certa vez Dr. Plínio, “eu me ajoelharia, oscularia seus pés e lhe aconselharia: ‘Seja ainda mais devoto de Nossa Senhora!’”¹ A ousadia desse conselho, destinado ao maior dos mariólogos, supõe uma vida

de insaciável crescimento no amor a Maria Santíssima...

Com efeito, conforme majestosos designios da Providência, a Medianeira universal de todas as graças obteve para Dr. Plínio o dom de anelar o sublime, sobretudo na devoção a Ela enquanto Mãe de misericórdia. Esse fervor teve sua aurora, atravessou inúmeras provas, cresceu em plenitudes e agora refulge em seu ápice aos pés da Rainha dos Céus.

Quais foram os marcos desse percurso? Qual a culminância dessa ascensão?

Na aurora do filho, o supremo magistério da mãe

Tão elevado é o mistério da maternidade que o próprio Criador do uni-

verso quis ter uma Mãe. E a partir de então um dos principais deveres das mães consiste em espelhar as virtudes da Mulher vestida de sol (cf. Ap 12, 1), escolhida para gerar o Sol de Justiça.

Esse esplendor da Virgem entre as virgens e Mãe entre as mães refletiu-se fielmente em Dona Lucília, de quem nasceu Dr. Plínio. Já nos albores da inocência primaveril de seu filho, ela o ensinou a pronunciar os Santíssimos Nomes de Jesus e de Maria, antes mesmo de dizer “papai” e “mamãe”, inserindo-o assim na atmosfera do sobrenatural.

A bondade incansável, o afeto envolvente e a dedicação desinteressada que o pequeno Plínio conheceu em Dona Lucília foram um degrau para compreender Maria Santíssima, como ele afirmaria mais tarde: “O fato de sentir essa paciência de minha mãe preparava algo de muitíssimo maior: a devoção a Nossa Senhora. E quando rezo a *Salve Regina* e o *Memorare*, tenho a impressão de fazer com Ela um pouco o que eu fazia com mamãe [...], compreendendo que a súplica do filho aflito é ouvida e que posso lhe explicar meus problemas com confiança, pois nunca sou mal recebido”.²

Pela cruz da provação... à luz da devoção!

Quando contava ainda doze anos, em meio às dificuldades enfrentadas



Reprodução

O afeto, a bondade e a dedicação de Dona Lucília foram o primeiro degrau para o pequeno Plínio compreender Maria Santíssima

Dona Lucília em Paris, no ano de 1912



Reprodução



Altar de Nossa Senhora Auxiliadora - Santuário do Sagrado Coração de Jesus, São Paulo. Em destaque, Plínio em 1921, ano em que se deu o episódio do boletim

A Auxiliadora dos cristãos, sorrindo na imobilidade do mármore, fez-lhe sentir seu perdão, bondade e ternura, e lhe ofereceu uma aliança

no colégio, Plínio passou por uma terrível prova, a qual seria, porém, causa de um enorme passo em sua devoção a Nossa Senhora.

Recebendo sempre nota dez em comportamento, certo dia encontrou um seis em seu boletim. Pasmo, decidiu fazer justiça a si mesmo e rasurou inabilmente um dez na caderneta... Sua mãe logo reconheceu a letra e disse: “Prefiro tudo, a ter um filho falsário!” Ameaçado de ser internado num longínquo colégio de Minas Gerais, findou o sábado em tristeza, dormiu em amargura e foi bem cedo à Missa

dominical no Santuário do Sagrado Coração de Jesus. Refugiou-se no fundo da nave lateral à direita de quem entra, onde a imagem de Maria Auxiliadora luzia em sua alvura de neve. Genuflexo, rezou a Salve Rainha, mudando a saudação em súplica de náufrago: “Salvai-me, Rainha!”

A Mãe de misericórdia, sorrindo na imobilidade do mármore, fez-lhe sentir seu perdão, bondade e ternura, e lhe ofereceu uma aliança, como se falasse à sua alma: “Dou-me inteiramente a ti, mas tu deves dar-te inteiramente a Mim! Caminha na fidelidade, dize ‘não’ aos revolucionários, para dizer ‘sim’ a Mim, Rainha do Céu e da terra. Luta e combate, pois um dia verás que teus ideais se realizarão! Ama-Me a vida inteira, e Eu te amarei até a eternidade”.³ Prometendo jamais esquecer aquele socorro e ser-Lhe muito devoto, Plínio respondeu em seu interior: “Minha Mãe, eu sou vosso!”⁴

Na segunda-feira o diretor do colégio confirmou a nota dez, e Dona Lucília perdeu o filho. A severidade da mãe terrena havia sido uma clemência, que o elevou à Mãe do Céu. Sim,

porque os maiores passos na devoção a Nossa Senhora são dados quando a pessoa, ao implorar um perdão extraordinário ou diante de um grande apuro, reza a Ela e experimenta sua misericórdia, amparo e empenho em salvar.

Escravidão: realidade ainda não explicitada, mas já vivida

Provado como ouro no cadinho e acrisolado pela Auxiliadora, Plínio adquiriu forças para combater a Revolução. Após iniciar sua militância no Movimento Católico, passou por seis meses de terrível provação. Nessa tormenta, uma novena a Santa Teresinha o conduziu ao livro de sua vida: o *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, de São Luís Maria Grignon de Montfort.

Durante a leitura, encontrou um tema nunca mencionado por ninguém: o Reino de Maria, meta para a qual ele inteiro voava. Admirou os combatentes chamados a implantar esse reino, bem como o auge de santidade que o marcaria enquanto ápice da História. Estudou o livro com transportes de ale-



À esquerda, Dr. Plínio diante do altar da Mãe do Bom Conselho, em Genazzano (Itália). À direita, São Luís Maria Grignon de Montfort - Basílica de São Pedro (Vaticano); em destaque, exemplar do “Tratado da verdadeira devoção”

gria, mas como quem vinha pensando em tais maravilhas desde o episódio do “Salvai-me, Rainha!” Para selar sua entrega à Virgem Santíssima, foi à igreja e comungou, depois fechou-se no quarto, meditou, rezou o *Veni Creator Spiritus* e o *Ave Maris Stella*, e finalmente se consagrou.

Ao longo da vida, na ação de graças após a Comunhão imploraria sempre a Jesus a plenitude e o píncaro da devoção a Maria, até onde a natureza humana auxiliada pela graça o permitissem, tendo por alvo a instauração do reinado de Nossa Senhora nas almas e no mundo.

A infalibilidade da oração, garantida pelo Redentor (cf. Mt 7, 7) e testemunhada em seus frutos pelos discípulos de Dr. Plínio, leva a concluir: ele, de fato, chegou a esgotar sua capacidade de amar a Mãe de Deus.

Escola para constituir uma ordem de cavalaria

Na Basílica de São Pedro, uma galeria de trinta e nove fundadores convivia os fiéis a elevarem as vistas aos Céus. A razão dessa especial honra deve-se a que os fundadores recebem o dom de entusiasmar não só indivíduos

Tendo-se consagrado a Maria como escravo, Dr. Plínio implorava diariamente a Deus a graça de atingir a plenitude e o píncaro da devoção a Ela

ou multidões, mas plêiades chamadas a difundir o carisma a eles concedido.

Vendo em Dr. Plínio o arquétipo e o apóstolo da escravidão a Maria, discípulos seus o tomaram como mediador e depuseram em suas mãos a consagração feita a Ela. O pioneiro a receber essa inspiração, o jovem João Scognamiglio Clá Dias, fundaria décadas depois os Arautos do Evangelho, em cujo carisma o *Tratado* é um livro de luz, como o foi para o seu mestre, que ideara uma ordem de cavalaria alicerçada nos ensinamentos de São Luís Grignon.

Assim como a melhor maneira de consagrar-se a Jesus consiste na es-

cravidão a Maria Santíssima – pensou João – a quem tiver Dr. Plínio como pai e fundador convém entregar-se a Nossa Senhora através dele, a fim de levar ao ápice sua obediência, seu serviço e seu louvor a Deus.

Se a escravidão é a verdadeira devoção, então uma maravilha da graça nos impõe uma profecia: Reino de Maria... reino de escravos de Maria!

Um conselho para toda a vida

Em 1967 uma crise de diabetes abalou gravemente a saúde de Dr. Plínio. Não lhe afligia a perspectiva da morte, mas sim o temor de ver realizado o oráculo das Escrituras: “Fere o pastor, que as ovelhas sejam dispersas” (Zc 13, 7). Deixar sua missão incompleta era sua dor. No auge da angústia, ele recebeu uma estampa da Mãe do Bom Conselho, cujo afresco se venera na cidade de Genazzano, Itália. Uma profunda comunicação se estabeleceu entre ambos, e Nossa Senhora, como que sorrindo, falou-lhe aos ouvidos do coração: “Meu filho, não se perturbe. Confie, porque sua obra será concluída e você cumprirá por inteiro sua missão”.⁵ A tal favor, ele deu o nome de *graça de Genazzano*.

Naquele sofrimento, haveria conselho melhor? Não! Conforme afirmou reiteradas vezes, o resto de seus dias transcorreram apoiados na certeza desse auxílio sobrenatural. Poucos anos antes de encerrar sua luta na terra, declarou: “Com tantas preocupações, se não fosse a promessa de Genazzano eu teria morrido, pois não aguentaria as incertezas e as dúvidas”.⁶

Essa graça mística elevou sua devoção a alturas ainda maiores. Cruzes e batalhas viriam mais árduas, conquistas e vitórias seriam mais esplendorosas. Em recompensa, sua união com Maria atingiria plenitudes cada vez mais amplas.

Nos seus últimos dias, em 1995, apesar de abalado pelo câncer que o levaria à morte, Dr. Plínio continuava a incentivar todos à devoção a Nossa Senhora. Certo dia, indicando o quadro da Mãe do Bom Conselho e apertando a mão de Mons. João, perguntou: “Meu filho, olhe para lá. Você tem noção de quanto Ela o ama?” Ante a resposta afirmativa, acrescentou: “Você sabe o quanto eu o estimo! Nossa Senhora lhe deu tanto!” E o discípulo fiel, reconhecendo tudo quanto recebera de seu pai e mestre, respondeu: “Sim, Nossa Senhora me deu muito: deu-me o senhor e deu-me Dona Lucília. Não quero mais nada!” O incentivo encontrara correspondência...

**Pensamentos de
sabedoria evidenciam a
insondabilidade do amor**

A profundidade do amor de Dr. Plínio à Virgem Santíssima, quem a medirá? Para ele, sem a fidelidade de Nossa Senhora o mundo teria acabado após o deicídio, tal é a importância d'Ela na História da salvação. Por ser a Mulher do Gênesis (cf. Gn 3, 15) e do Apocalipse, que abre e encerra

a Revelação, e por reinar acima dos tempos e dos lugares, Ela impede a humanidade de recusar a totalidade das graças derramadas sobre os filhos de Adão, recolhendo em Si, enquanto *Vas honorabile*, os desígnios do Criador ao conceber o universo.

Para vislumbrar suas grandezas, pensemos em todas as maravilhas da Igreja e da Cristandade sintetizadas e quintessenciadas em sua alma: “Considerando os esplendores da História,

elevados a um ápice jamais alcançado, poderemos ter alguma ideia de quem é Nossa Senhora. Arca da Aliança, Ela recolheu o que os homens foram rejeitando e, como no Livro da Vida, armazenou tudo quanto é belo e bom, grande e verdadeiro, em proporções inimagináveis”.⁷ Alguém sentiria assim os abismos e as culminâncias da História, sem viver seriamente a escravidão a Maria?

Entendemos melhor, agora, o conselho que Dr. Plínio daria a São Luís: crescer ainda mais na devoção à Santíssima Virgem. Insaciável na entrega à Rainha do universo, ele o viveu:

“Ao exalar meu último suspiro, minhas palavras sejam um hino de amor a Nossa Senhora e à Santa Igreja: católico apostólico romano, escravo de Maria. Mais nada!”⁸

Ele sempre buscou o sublime, primeiro *élan* de sua alma, e nesse impulso para o alto obedeceu a São Bernardo “*De Maria nunquam satis*”. Varão católico, viveu respirando Maria, como viverá o mundo quando triunfar seu Imaculado Coração. ✠



Dr. Plínio em 1993

*Ele desejava que
suas últimas palavras
fossem um cântico
de louvor à Virgem
e à Igreja: “católico
apostólico romano,
escravo de Maria”*

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 26/12/1994.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Notas Autobiográficas*. São Paulo: Retornarei, 2008, v.I, p.71.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Notas Autobiográficas*. São Paulo: Retornarei, 2012, v.III, p.196.

⁴ Idem, ibidem.

⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 26/4/1974.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 16/8/1992.

⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 13/12/1977.

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 14/3/1981.



Amor sem medida à Santa Igreja

O norte e a bússola da vida de Dr. Plínio foi a Igreja Católica. A ela se uniu, com ela sofreu, com ela aguardou os dias da glorificação!

✠ Ir. Diana Milena Devia Burbano



Reprodução

São Pedro, por Nardo di Cione - Galeria Nacional de Arte - Washington

Mais. Muito mais e sempre mais, rompendo todos os limites, ultrapassando com tanta exuberância a “normalidade” dos fatos, que sua entrega, sua restituição e seu amor estivessem plenamente à altura do amor da Santa Mãe Igreja por seus filhos... Eis o sentido de toda a existência de Plínio Corrêa de Oliveira.

Alguns gostariam de resumir sua gesta aos heroicos embates políticos que sustentou, à fama e às vitórias que conquistou, às instituições que fundou, às multidões que arrastou em pós de seus ideais, ou às perseguições que sofreu, aos dissabores, aos desastres, aos sofrimentos... Mas, para si mesmo, Dr. Plínio almejava unicamente um galardão: ser um va-

rão todo católico e apostólico, plenamente romano.

Se ele lutou, sacrificando vantagens pessoais para fazer de sua vida uma oblação contínua pelos interesses do Papado e da Cristandade, foi porque acreditou com todas as fibras de seu coração que um dia contemplaria a vitória da Santa Igreja contra as portas do inferno (cf. Mt 16, 18), que desde a noite dos tempos tentam em vão derrotá-la.

Filho fiel, fruto de uma mãe fidelíssima

A vida do homem sobre a terra é uma constante luta (cf. Jó 7, 1), mas a batalha de Dr. Plínio começou antes mesmo de nascer, e foi à sua mãe que se deveu a primeira vitória. Caso ela houvesse escutado os conselhos do médico que lhe sugeria criminalmente interromper uma gravidez de alto risco, seu filho nunca teria vindo à luz. Assim, pela disposição de oferecer, se preciso, até a própria vida Dona Lucília deu ao pequeno Plínio uma lição que haveria de nortear toda a sua existência: nunca será suficiente obedecer a Deus e à Santa Igreja; para ser fiel, faz-se necessário amá-los até o holocausto.

Não seria esse o único ensinamento que ela daria ao filho. Dotado

Dr. Plínio sempre acreditou que um dia contemplaria a vitória da Santa Igreja sobre as portas do inferno, que tentam em vão derrotá-la

de profundo discernimento dos espíritos e agudo senso psicológico, este narrou ter conhecido a verdadeira Fé olhando e analisando Dona Lucilia, comparando as virtudes de sua alma aos ambientes sacrais das igrejas que frequentava, descobrindo na mãe os reflexos do próprio Deus e compreendendo que d'Ele vinham a mansidão, a bondade, a ternura e a retidão que percebia em sua personalidade. “Eu notava que tudo quanto mamãe tinha de melhor não era dela, mas era comunicado pelo Sagrado Coração de Jesus”,¹ comentou.

Foi, pois, vendo-a rezar, acompanhando seu modo de agir e recebendo sua benéfica educação que Dr. Plínio, já nos primórdios de sua infância, enlevou-se por essa sagrada instituição chamada Igreja Católica e a ela aderiu com todo o seu ser.

De pequeno polemista a grande batalhador

Tal adesão se deu com a veemência própria de seu caráter. “Se a Igreja é a fonte donde brotam tais maravilhas, então: incondicional fidelidade a ela! Fidelidade levada até onde puder, sem nenhuma condição, sem nenhum limite. É a Igreja ou nada!”², exclamaria desde juvenzinho.

A obediência à Santa Igreja tornou-se a luz de sua vida, fazendo-lhe galgar, de entusiasmo em entusiasmo, o

cume de um amor inexprimível por ela à medida que conhecia melhor suas verdades e os mistérios de sua doutrina. Mas amá-la sem reservas significava também defendê-la! E é movido por esse tríptico desejo de amar, servir e defender que veremos o pequeno Plínio – de apenas quatro anos de idade! – discutir num teatrinho de marionetes em Paris com um personagem anticlerical que protagonizava a peça, dar lições de moral a parentes desviados do caminho da virtude, ou catequizar os empregados de sua casa numa cátedra improvisada na cozinha...

Amparado para isso por profundas graças místicas que o ajudaram a vislumbrar em seu âmago as grandezas da Santa Igreja, Plínio almejou unir-se de tal modo a ela que estivesse em suas mãos como um “papel em bran-

co”, à espera do que quisesse nele escrever. Sua obediência chegou a graus inimagináveis. “Nossa Senhora me fez descobrir a verdade exagerando a obediência à Igreja”,³ declararia décadas depois, resumindo sua vida assim: “Eu não pretendo ser senão um eco do grande sino que é a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, [...] o eco que no meio da batalha prolonga a voz do sino e fá-lo ouvido por toda parte”.⁴

A Igreja era para ele uma galeria aberta pela qual se vê o Céu; a alegria de todos os eleitos, a glória dos bons, a honra dos seguidores de Deus; o seu grande entusiasmo e consolação; uma Via Láctea de perfeição, santidade e imutabilidade; o refúgio de sua alma e o seu Paraíso na terra; enfim, a pedra filosofal de sua vida, para a qual todas as suas admirações convergiam.⁵

A obediência à Santa Igreja tornou-se a luz de sua vida, fazendo-lhe galgar o cume do amor por ela à medida que conhecia suas verdades e doutrina

Dr. Plínio no ano de 1988, diante da Catedral de Notre-Dame de Paris





Dr. Plínio oscula a imagem do Pescador - Basílica de São Pedro (Vaticano)

Chegados os embates do período estudantil, Plínio compreendeu que sua fidelidade devia tornar-se militante. Se para seguir pelas trilhas luminosas da Santa Igreja era preciso ser casto, ele o seria em grau eminente e beligerante! Se para amá-la de todo o coração era mister renunciar ao mundo, ele trancaria com vigor as portas do sucesso, dando as costas às glórias do século e consagrando seu futuro, de modo absoluto, à defesa da Igreja.

“Já não sou eu quem vivo...”

A um passo de tal magnitude corresponderiam graças de um quilate incomensurável. Tomado de encanto pela Santa Igreja, que vislumbrava como uma pessoa capaz de sentir, de se alegrar e de sofrer, Dr. Plínio foi agraciado com um dom ímpar: o conúbio místico com aquela que tanto amava. Assim se infere de suas palavras: “Dei minha alma à Igreja Católica. Fi-lo conscientemente, ponderadamente, calmamente; fi-lo de um fazer tal que, quando resolvi fazer... estava feito! De tal maneira a Igreja passara a fazer parte de meu ser”.⁶

*Seu enlevo pelo Papado
foi sem limites, pois
compreendeu que
esse amor continha
também o amor a
Nosso Senhor, a Nossa
Senhora e à Igreja*

Por isso, sem receio algum ele exclamaria, parafraseando o Apóstolo (cf. Gal 2, 20): “Já não sou eu quem vivo, mas é a Santa Igreja Católica Apostólica Romana que vive em mim!”⁷

Se durante a infância e juventude ele amava a Igreja, na maturidade fez-se um com ela; se antes a analisava com enlevo, agora tudo via de seus olhos; se antes batalhava fora para glorificá-la, muito mais agora, no interior dela, lideraria das fileiras do laicato maiores combates para mantê-la fiel a si mesma.

Ante tal panorama, pode-se imaginar o gáudio de Dr. Plínio ao considerar — num mundo que ruía — a promessa de infalibilidade que pairava sobre a Cátedra de Pedro. Alma feita para admirar, ele venerou a grandeza espiritual do varão que, sendo humano, tocava nas bordas do divino e podia conduzir com segurança a Santa Igreja de Jesus Cristo nos mares encapelados da História. Seu enlevo pelo Romano Pontífice foi sem limites, pois compreendeu que esse amor continha também o amor a Nosso Senhor, a Nossa Senhora e à Igreja. “Meu último pensamento seja de amor ao Papa”, escreveria em sua carteira de identidade católica.

Mas... como seriam duras as batalhas que o aguardavam! Acostumados ao ambiente ateu e relativista de nossos dias, é-nos difícil medir a magnitude do sacrifício e do sofrimento arrostado por Dr. Plínio ao enfrentar a maré revolucionária que varria da sociedade os últimos lampejos da Civilização Cristã e atingia também os fundamentos milenares da face visível da Esposa Mística de Cristo. “O grande sofrimento de minha vida foi a crise da Igreja”,⁸ declararia já no fim de seus dias.

Mais que generosidade, heroísmo

Ante tal panorama Dr. Plínio compreendeu, por especial ação da graça,



Arquivo Revista

Dr. Plínio durante uma cerimônia de Sexta-Feira Santa, em 1992

que para defender a Santa Igreja não bastava escrever obras, proferir discursos ou organizar campanhas nas ruas... Ela precisava não só da generosidade de quem combate ou polemiza, mas do heroísmo de quem se consome como uma vela, ciente de que se ofereceu em holocausto.

Sabendo que o tesouro da Igreja está no conjunto das almas sofredoras e que – parafraseando a belíssima expressão de São Bernardo – “só há uma medida para amar a Igreja: é amá-la sem medida”,⁹ ele assumiu para si as dores desta Santa Mãe.

Medindo e pesando a enormidade dos padecimentos que viriam e aceitando com amor a dilaceração de seus dias, sem, contudo, saber qual seria ao certo a utilidade desse sangue, Dr. Plínio assumiu uma postura de incomparável fidelidade: “Se eu sofrer, sendo odiado, perseguido e des-

A Igreja precisava não só da generosidade de quem combate e polemiza, mas do heroísmo de quem se oferece por ela em holocausto

prezado porque fui fiel aos aspectos imutáveis e eternos da Santa Igreja Católica, que aconteça! Meu martírio de alma ou meu martírio de corpo

será um prolongamento do sofrimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Oh, glória! Pedindo à sua Mãe Santíssima que me obtenha coragem, irei para a frente sob o desprezo e o ódio do mundo inteiro”.¹⁰

Como ele consumou esse oferecimento e como o viveu? É o que veremos no próximo artigo. Cabe aqui pedirmos, com ele, a graça de abraçarmos o mesmo caminho: “Possas eu também, Senhor, nas grandes desolações da Igreja, ser sempre fiel, estar presente nas horas mais tristes, conservando inabalável a certeza de que a Igreja triunfará pela fidelidade dos bons, pois que a assiste a vossa proteção!”¹¹ ✠

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 4/1/1995.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 9/10/1985.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 24/6/1982.

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 15/1/1970.

⁵ Expressões de Dr. Plínio tomadas de: *Conversa*. São Paulo, 11/10/1983; *Conferência*. São Paulo, 26/9/1992 e 26/11/1993.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 5/8/1988.

⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 7/6/1978.

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 19/6/1995.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 6/10/1989.

¹⁰ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 30/3/1985.

¹¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Via-Sacra*. In: *Catolicismo*. Campos dos Goytacazes. Ano I. N.3 (mar., 1951), p.5.



O triunfo conquistado pelo sangue

“Pai, se é de teu agrado, afasta de Mim este cálice! Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua”. *Fiat voluntas tua*: essa frase pode bem resumir a vida de Dr. Plínio.



Pe. Mario Beccar Varela, EP

Vítima expiatória: o conceito, que constitui o cerne do presente artigo, é tão alheio a qualquer realidade contemporânea que não parece supérfluo explicá-lo.

A vítima expiatória é, essencialmente, alguém que padece por outros. Merecem ser assim chamados os indivíduos que oferecem a Deus, em favor de outras pessoas ou objetivos mais altos, até mesmo a própria vida; contudo, na maioria das vezes eles permanecem desconhecidos e nada esperam em troca.

A definição fará, certamente, franzir as sobrancelhas a qualquer homem de nossa sociedade, na qual os princípios do interesse tornaram-se quase absolutos, ou melhor, tornaram quase obsoletos outros – talvez menos práticos; porém, mais transcendentais –, como os da caridade.

Sacrificar-se sem nenhuma vantagem pessoal quicá pareça uma loucura, ou mesmo um crime de lesa-humanidade. Um crime, sim, cujo fautor não seria outro senão um Deus sanguinário, que exige o sacrifício de inocentes para remir os culpados, e cujos cúmplices formam um rol com figuras como Santa Teresinha, os pastozinhos de Fátima e, acima de tudo, o próprio Jesus Cristo.

Mas, aos olhos da fé, a verdade se mostra bem diversa. São Paulo é quem no-la indica: “O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne, por seu Corpo que é a Igreja” (Col 1, 24). O Corpo Místico de Cristo passa por uma Paixão, e em função dela se pode compreender a missão e a importância das vítimas expiatórias.

O “Horto das Oliveiras” da Igreja

A agonia no Horto era a cena da *Via Crucis* que mais tocava a piedade de Dr. Plínio. Ali, ante a perspectiva dos sofrimentos a Ele reservados, Jesus suplicou: “Pai, se é de teu agrado, afasta de Mim este cálice!” (Lc 22, 42a). Eis expressa a tribulação de um ser ao mesmo tempo divino e humano. Dian-

te do desígnio da Providência, que Lhe causava aflição e O fazia transpirar sangue, a natureza humana de Nosso Senhor apavorava-se.

Algo análogo se dá com a Igreja. Por vezes sua Paixão assume propriamente o aspecto de uma *agonia* – do grego, *luta* –, na qual aquilo que poderíamos chamar de “natureza humana” do Corpo Místico – ou seja, os homens que o compõem, a sua face visível – sente que o cumprimento da vontade divina pesa demais e, por isso, resiste em obedecer. Tais indivíduos preferem uma Igreja mais de acordo com este mundo, mais “humana” e menos divina. Em consequência a desfiguram, como que a “obrigando” a dizer a Deus: “Afasta de mim este cálice!”

Ora, se é na nossa natureza que se opera a agonia, também nela deve realizar-se a reparação. Cabe às vítimas expiatórias pronunciar, como Nosso Senhor, o “*fiat voluntas tua*” pela Igreja: “Não se faça, todavia, a minha vontade, mas sim a tua” (Lc 22, 42b).

Mais três fôlegos...

Durante a década de 1980, no seu apartamento da Rua Alagoas, em São Paulo, Dr. Plínio faz as primeiras orações do dia. Após uma noite

Cabe às vítimas expiatórias pronunciar, como Nosso Senhor, o “fiat voluntas tua” pela Igreja: “Não se faça a minha vontade, mas sim a tua”



Sérgio Miyazaki



Mário Shinoda

À esquerda, Dr. Plínio em 1994; à direita, imagem de Cristo flagelado pertencente a ele

maldormida devido ao peso das preocupações, ele está exausto. Como ocorre habitualmente, seu olhar pousa sobre a imagem de Cristo flagelado que se encontra em seu quarto. Nesse instante, ele recebe uma graça: tem a impressão de ver a escultura tomar vida e suspirar profundamente três vezes. No íntimo da alma, sente que Nosso Senhor lhe diz: “Meu filho, quando o homem julga estar no auge do cansaço e pensa que não aguentará mais, ainda tem mais três fôlegos”. Reconfortado por essa graça, Dr. Plínio se dispõe a carregar não só o peso daquele dia, como o dos anos de sofrimentos que ainda o aguardavam. Tratava-se do chamado para o Horto das Oliveiras, respondido incessantemente por ele, a exemplo de Jesus, com um invariável “*fiat voluntas tua*”.

Uma dor pior do que a morte

De fato, certa vez Dr. Plínio confidenciou a alguns filhos espirituais: “Lendo a vida de Santa Teresinha, pareceu-me muito mais útil à causa

Sentindo no fundo da alma o convite de Nosso Senhor para dar tudo de si, Dr. Plínio respondeu-Lhe com o mesmo “sim!” que Lhe dera a vida inteira

católica entregar-me como vítima expiatória. Morrer num só lance, oferecendo um sacrifício imediato [...]. Em poucos anos, por efeito desse sacrifício, a Contra-Revolução estaria senhora do terreno”.¹

Entretanto, Deus não queria que ele morresse prematuramente como a Santa de Lisieux. Na verdade, não lhe estava reservado verter o sangue do corpo de uma só vez, mas derramar aos borbotões o sangue da alma, ao longo de décadas...

No Calvário de Dr. Plínio, a Providência deu-lhe de beber um cálice tão amargo quanto inesperado. Vendo que a heterodoxia grassava em certos ambientes católicos, ele se lançou imediatamente ao combate. Contudo, as pessoas que deveriam ser as primeiras a apoiá-lo, não o fizeram. Pelo contrário, revelando-se cúmplices das más doutrinas, o atacaram.

Essa cruz o acompanhou durante toda a epopeia envolvendo a obra *Em defesa da Ação Católica*, publicada em 1943 e, posteriormente, alcinhada de livro *kamikaze*. A analogia com os pilotos japoneses é exata. A publicação infligiu aos adversários um golpe do qual não mais se ergueriam, mas lançou Dr. Plínio num ostracismo aniquilador: “O esquecimento e o olvido nos envolveram, quando ainda estávamos na flor da idade: era este o sacrifício previsto e consentido”.²

Poderíamos muito nos estender nessa parte de sua “*via crucis*”. Mas restam ainda muitas “estações” a percorrer...



Dr. Plínio no período de convalescença, após o acidente automobilístico sofrido no dia 3 fevereiro de 1975

Uma prova, uma graça, uma promessa

A decadência dos filhos espirituais é para um fundador o mais cruel dos tormentos. No caso concreto, essa amargura revelou-se tão lancinante que provocou em 1967 a agudíssima crise de diabetes mencionada em artigo anterior.³

Dr. Plínio atribuía a derrocada espiritual de seus discípulos a um possível castigo da Providência por pecados ocultos seus. Internado de urgência com uma gangrena avançada no pé, a perspectiva da morte próxima aumentou ainda mais essa provação: “Eu me perguntei a mim mesmo se não seria, afinal, o momento em que Nossa Senhora, cansada de mim, haveria de libertar a minha alma”.⁴

Entretanto, como vimos, não era a perspectiva da morte em si que o atormentava, mas a ideia de que, com ela, ficaria truncada a sua missão: “Estava eu certo de que meu falecimento naquela conjuntura acarretaria a ruína do esforço que começava a vicejar com vigor e que eu desejava ardentemen-

*O oferecimento
como vítima para
salvar sua obra foi
rapidamente aceito, e
Dr. Plínio logo pôde
constatar os frutos de
seu imenso sacrifício*

te levar a cabo para a maior glória de Nossa Senhora, antes de morrer”.⁵

No auge do sofrimento, porém, interveio a Mãe de Misericórdia com a graça de Genazzano e, no pior momento da enfermidade, cravou-se em sua alma uma certeza inabalável: ele cumpriria sua missão.

Maravilhas nascidas de um desastre

Contudo, a decadência espiritual dos filhos continuou, chegando a tal paroxismo que Dr. Plínio viu-se na

necessidade de renovar sua entrega como vítima, desta vez especificamente para salvar sua obra e aceita pela Providência com uma rapidez impressionante.

No dia posterior ao oferecimento, 3 de fevereiro de 1975, ele sofreu um tremendo acidente de automóvel: vários ossos quebrados, dois dentes arrancados, cortes profundos pelo corpo, uma violentíssima pancada na cabeça que o deixou semiconsciente dias a fio. Devido a uma fratura no fêmur, foi obrigado a usar cadeira de rodas até o fim da vida.

Entretanto, os frutos desse imenso sacrifício superaram a expectativa de Dr. Plínio. Ventos de afervoramento sopraram sobre os seus discípulos, graças especiais lhes foram concedidas, sobretudo a um filho muito querido: o então Sr. João Clá. Referindo-se ao olhar atento de seu seguidor, que o acompanhou naquele período, afirmou: “Eu vejo pelas repercussões posteriores que ele, com piedade filial, prestou atenção em tudo, analisou e tirou conclusões de tudo. Nossa Senhora foi servida em que ele ficasse edificado com o que viu. Até que ponto essa edificação poderia ter concorrido para depois ele ter realizado o que fez? Em medida talvez não pequena”.⁶ Realmente, por causa do apostolado de Mons. João tudo floresceu na obra.

Mas a subida do Calvário continuou. Quais vagalhões de lama, violentas campanhas publicitárias se lançaram contra o movimento fundado por Dr. Plínio. Só um desses “tsunamis” de calúnias, ocorrido no ano de 1975, somou mais de dois mil artigos jornalísticos difamatórios em dois meses. Ele enfrentou tudo, sofrendo o inenarrável.

Se um ponto ficasse claro...

Por fim, 1995 foi o ano no qual se consumou o sacrifício. A Providência lhe deu a beber, nos derradeiros meses de vida terrena, os goles mais amargos do cálice. Ataques de inimigos externos e, pior ainda, de filhos espirituais,

submergiram sua alma num mar de desgostos. Tudo isso enquanto lutava contra um câncer que minou sua saúde ao longo desse último ano.

Internado no Hospital Alemão Oswaldo Cruz, em São Paulo, Dr. Plínio passou um mês imerso em atrozes sofrimentos de corpo e, sobretudo, de alma, até o dia 3 de outubro, em que entregou sua alma a Deus. Seu sofrimento máximo nessa etapa final consistiu numa tremenda perplexidade: como ele poderia cumprir sua missão? Por isso repetiu, por três vezes, este gemido misterioso: “Se um ponto só ficasse claro para mim, tudo estaria resolvido”.

Nossa Senhora queria dele mais esse traço de semelhança como seu Divino Filho: a sensação do abandono por parte de Deus e da inutilidade de seu sangue.

No fracasso, o triunfo!

A morte é um fenômeno profundamente incompreendido. Comparada por nós a um sono, para quem cruza os umbrais desta vida ela deve muito mais se assemelhar a um despertar. Só através dela se contempla a realidade inteira, diante da qual a existência terrena não é senão uma espécie de miragem.

Após o falecimento de Dr. Plínio, nos lábios inertes de seu corpo floresceu um sorriso. Que significaria esse discreto sinal? Será que aquele “ponto”, tornando-se claro na outra vida, brilhou tanto que iluminou até mesmo a fisionomia? Nesse caso, o que teria ele visto?

De todas as profecias a respeito da Paixão de Jesus, o Salmo 21 conta-se entre as mais completas. Iniciado com

o clamor pungente “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”, repetido por Cristo na Cruz, ele se encerra num canto de louvor do homem atendido pela Providência. Eis o itinerário de todos os profetas: através do aparente fracasso, eles cumprem sua

Quicá seu sorriso às portas do sepulcro tenha sido esboçado ao constatar que, do Céu, ele poderia atrair com mais eficácia os homens a Maria

missão e impetram a realização de suas profecias.

Ora, como excluir Dr. Plínio dessa regra? Ele mesmo chegou a prognosticar, certa vez: “A minha cabeça haveria de ser decepada pela decepção, mas, fiel a si mesma, bateria no chão e executaria o plano de Deus. As minhas esperanças desiludidas teriam aberto o Reino de Maria”.⁷

A derrota da Revolução e o triunfo de Nossa Senhora eram, por excelência, a profecia de Dr. Plínio, a meta de sua vida. Trabalhando, lutando e orando, ele a perseguiu; crucificando-se, ele a conquistou de Deus. Quicá seu sorriso às portas do sepulcro tenha sido esboçado quando ele constatou que, elevado da terra, poderia atrair com mais eficácia os homens a Maria. ✚



Sérgio Miyazaki

Corpo de Dr. Plínio durante as exéquias, em outubro de 1995

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 16/7/1994.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Kamikaze*. In: *Folha de São Paulo*. São Paulo. Ano XLVIII. N.14.489 (15 fev., 1969), p.4.

³ *O mundo para Maria: auge de devoção*, nesta edição.

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 13/1/1968.

⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Una “dichiara-zione”. In: *Madre del Buon Consiglio*. Genazzano. Ano LXXXVIII. N.7-8 (jul.-ago., 1985), p.28.

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 6/2/1982.

⁷ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 23/1/1994.



Plínio Corrêa de Oliveira está vivo!

Dr. Plínio passou toda a sua existência anelando pelo Reino de Maria. Contudo, a Providência quis levá-lo desta vida antes que pudesse comprovar sua implantação na terra... Terá a promessa falhado?

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

É inerente ao espírito humano estar à procura do *unum* das coisas, ou seja, a inteligência tende a atingir um ponto que defina e sintetize aquilo que foi conhecido em detalhes e analisado nas suas minúcias. Estas páginas, sem dúvida, não escapam à regra.¹

Ao encerrarmos sua leitura, é inevitável que estejamos à busca de um fecho. Logo surgirão em nossas mentes as seguintes interrogações: “Estará tudo dito a respeito de Dr. Plínio? Seus traços foram delineados por completo? Sua vocação e seu papel na História, integralmente compreendidos?”

Quiçá um leitor pouco avisado se incline pela resposta afirmativa. Con-

tudo, quem privou com Dr. Plínio é de outra opinião...

Torre cuja ponta se perde no céu

Embora a presente publicação proporcione uma ideia de quem foi ele, ao ressaltar múltiplos aspectos de sua alma, chega-se à conclusão de ser muito difícil alcançar uma noção plena da vocação e do espírito de um varão que, aos sessenta anos, pôde afirmar que o vulto de suas recordações preencheria uma obra de mais de cem volumes!²

Nem o insigne dom de profetismo e de discernimento dos espíritos pelo qual era capaz de ver as almas, penetrar as circunstâncias à distância e descrever um país em que nunca estivera; nem sua personalidade enérgica, esplendidamente corajosa e representativa da grandeza de Deus; nem ainda sua bondade paternal, que atraía a si numerosos filhos: nada disso o retrata por inteiro.

Ele mesmo testemunhou, em várias ocasiões, haver experimentado a respeito de si, de modo um tanto fugidio,

Estará tudo dito a respeito de Dr. Plínio, de seu espírito e de sua vocação...? Aqueles que o conheceram podem afirmar com certeza que não



Dr. Plínio em 1994

a curiosa sensação de alguém postado à janela de uma torre, sem lograr ver o próprio cume desta.

Com efeito, a Providência quis alçá-lo como uma torre de sabedoria: os que nela entravam adquiriam conhecimentos jamais ensinados em universidades, nem encontrados em livros. E quem com ele convivía, tinha a impressão de estar mais próximo de Deus, de tal maneira ardia em sua alma uma labareda de entusiasmo inextinguível, uma coluna de fogo tão elevada, que sua ponta se perdia no céu.

Uma missão por cumprir

No entanto, não é somente devido à amplitude e riqueza de seus predicados que se torna árduo apresentar a imagem completa de Dr. Plínio. Há outra razão muito mais profunda, baseada no fato de sua missão providencial ainda não estar realizada na terra. Longe de apreciá-lo como um personagem do passado, cuja carreira se consumou no dia 3 de outubro de 1995, é mister considerá-lo em íntima relação com o desenrolar atual dos acontecimentos.

Quantos homens passam pela vida como folhas de uma árvore que ao secar são levadas pelo vento, e cuja memória não perdura!

Há, porém, um princípio difundido por toda a História no tocante aos valores espirituais: sempre que um homem assistido por singulares dons do Espírito Santo e destacado por um chamado especial parece extinguir-se no ostracismo, em certo momento os obstáculos erguidos por seus inimigos, para ocultar a beleza e a grandeza de sua pessoa, não mais se sustentam.

Nem as perseguições, nem as campanhas de calúnias ou de silêncio dos adversários, nem o olvido de alguns dentre seus mais próximos, nem se-

quer a morte e o granito de um túmulo são capazes de impedir sua luz de brilhar, impondo-se às trevas...

Sua luz brilhará para a humanidade inteira!

Tais eram minhas cogitações nos dias que precederam o passamento de Dr. Plínio e, sobretudo, durante o enterro, ao sentir o abandono no qual ele partia, esquecido e rejeitado por muitos, a ponto de nenhuma autoridade eclesiástica, civil ou militar comparecer para lhe prestar a última homenagem. Ele foi sepultado só por seus filhos.

Perante tal realidade era levado a concluir: “É um mistério. Não é possível que um varão da estatura moral de Dr. Plínio morra isolado e desapareça nas brumas da História como tantos outros. Se os homens voltam-lhe as costas, os Anjos e os bem-aventurados descem do Céu à terra para presen-



Mons. João junto ao corpo de Dr. Plínio

As perseguições, as calúnias, o olvido, mesmo a morte e o granito de um túmulo não são capazes de impedir sua luz de brilhar





Dr. Plinio na década de 1990

ciar suas exéquias! Passar-se-ão meses, talvez anos, mas despontará a aurora em que, pelo influxo da graça divina, a luz dele ressurgirá em meio à névoa e, como sol abrasador e fulgurante de meio-dia, brilhará para a humanidade inteira!”

Já no decorrer das Santas Missas e dos demais atos celebrados antes do sepultamento de Dr. Plinio, notando a atmosfera de fé que reinava no ambiente, pude confirmar minha convicção filial. Longe de haver reações de abatimento, tristeza ou incredulidade, o primeiro efeito de sua partida deste mundo foi um surto de novas e intensas graças entre seus autênticos seguidores, que a todos encheu de júbilo apesar da aparente tragédia.

Nunca seus filhos espirituais demonstraram de maneira tão clara a certeza na vitória de sua missão quanto naquelas comovedoras cerimônias. Ali estavam com fisionomia alegre, peito erguido, expressão firme e confiante.

Deus e seus eleitos não morrem

A partir daqueles dias, deu-se comigo algo semelhante ao ocorrido

Tal era o imbricamento de alma com Dr. Plinio que, estando ele na eternidade, acentuava-se sua presença no mais íntimo do coração de Mons. João

por ocasião do falecimento de Dona Lucilia: custava habituar-me à ideia de que Dr. Plinio morreria. Sentia-o vivo, constantemente ao meu alcance; não mais como antes, em que ele ia conduzido por mim na cadeira de rodas, mas precedendo-me nos caminhos e, como que, andando de costas, de maneira a promover um intercâmbio de olhares.

Ademais, percebia uma ação sempre mais intensa do espírito de Dr. Plinio atuando em meu interior, de forma difícil de exprimir com palavras. Tal havia sido o imbricamento com Dr. Plinio que, estando ele ago-

ra na eternidade, por um verdadeiro fenômeno místico acentuava-se sua presença no mais íntimo do meu coração.

Por outro lado, à medida que o tempo transcorria, essa inspiração sobrenatural se mantinha também nos demais seguidores dele, unidos no entusiasmo e na fidelidade a seu mestre. Sua figura estava acesa na memória de todos e, do Céu, ele era um canal de santidade para seus discípulos.

Cabe recordar aqui a frase pronunciada pelo presidente católico do Equador, Gabriel García Moreno, apunhalado e agonizante sobre o leito da rua, em frente ao Palácio do Governo em Quito: “¡Dios no muere!”³

Ora, se Deus não morre, um varão de Deus, justamente por ser reflexo de Deus, também não morre!... A morte é um hiato que existe apenas quando considerada na perspectiva do tempo; ante o trono de Deus, seus eleitos estão sempre vivos.

De fato, embora Dr. Plinio tenha experimentado fisicamente o transe da morte há três décadas, seu espírito continua vivo e ativo, e, com o auxílio da Medianeira de todas as graças,



Arquivo Revista

Mons. João em janeiro de 2008

permanecerá imortal em sua obra pelos séculos futuros. Ele está vivo nos seus escritos, vivo no precioso legado de suas explicitações, vivo nos rumos apontados, vivo nos costumes que instituiu; mais ainda, vivo no tipo humano que inspirou, isto é, naqueles em cujas almas foi posta uma semente de profetismo participativa do próprio carisma dele.

Primeiros albores do Reino de Maria

Dr. Plínio passou toda a sua existência anelando pelo Reino de Maria; reino previsto por São Luís Maria Grignon de Montfort e anunciado por Nossa Senhora aos três pastorinhos em Fátima; reino divisado por ele já na adolescência e objeto contínuo de sua contemplação enlevada; reino no qual, por fim, os frutos do

Seu espírito continua vivo e permanecerá imortal nas almas em que foi posta uma semente de profetismo participativa do próprio carisma dele

preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo e das lágrimas de Maria se tornariam plenamente efetivos sobre a face da terra.

Contudo, a Providência quis levá-lo desta vida antes que pudesse comprovar com os olhos da carne a realização da promessa... Indubitavelmente ele a

verá com os da alma da perspectiva da eternidade, e sua missão se cumprirá, tal como sempre esperou, através de seus filhos espirituais.

Em determinado momento, pela lei da História haverá da parte de Deus uma manifestação gloriosa! A Revolução, denunciada por Dr. Plínio ao longo de tantos anos, será humilhada, condenada e derrotada, e a Igreja reflorescerá com uma beleza, uma luz e um vigor totalmente inéditos.

Quando isso se dará? Não o sabemos. Mas do alto da montanha da fé já se vislumbram os primeiros albores da luz magnífica do reinado da Santíssima Virgem sobre a terra. Possa Ela, segundo meu ardoroso desejo, servir-se destas páginas para apressar o instante em que seja proclamado de forma concreta e definitiva o triunfo do seu Imaculado Coração! ✨

¹ O presente artigo é uma transcrição do capítulo conclusivo da obra, em cinco volumes, escrita por Mons. João a respeito de Dr. Plínio (cf. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*.

Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.V, p.479-486). Com pequenas adaptações que visam torná-lo mais acessível ao leitor, o texto presta-se com perfeição como término desta edição de nossa

Revista dedicada ao insigne líder católico.

² Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del

Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.I, p.29.

³ GALVEZ, Manuel. *Vida de Don Gabriel García Moreno*. Madrid: González, 1945, p.480.

Sempre com Maria

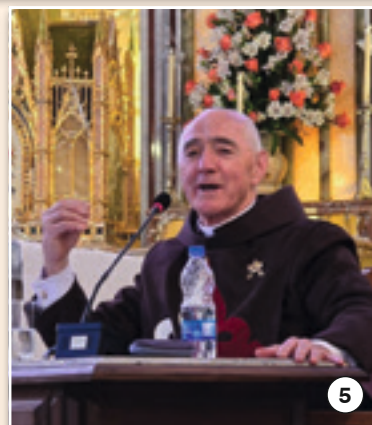
A fim de fomentar nas almas a devoção a Nossa Senhora, os Arautos do Evangelho desenvolveram diversas atividades entre os meses de junho e agosto. Nas fotos abaixo, “Tardes com Maria” na casa da instituição em Belo Horizonte (fotos 1 e 2) e no Oratório Nossa Senhora de Fátima, na cidade fluminense de Nova Friburgo (fotos 3 a 5), ambas com a presença do Pe. Ricardo

José Basso, EP; missão mariana em Balneário Camboriú (foto 6) e Blumenau (foto 7), em Santa Catarina; e início do curso de consagração à Santíssima Virgem, segundo o método de São Luís Maria Grignion de Montfort, na Paróquia Nossa Senhora do Livramento em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, com palestra proferida pelo Diác. Adilson Costa, EP (foto 8).

Fotos: Pablo Brito



Fotos: Diengles Heggdome



Fotos: Ana Cristina Barros



Jackson da Silva



15ª Peregrinação Nacional a Aparecida

Os participantes do Apostolado do Oratório “Maria, Rainha dos Corações” reuniram-se no mês de agosto para mais uma peregrinação nacional ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida. A programação se iniciou no dia 8, sexta-feira, na Basílica Velha, de onde partiu a

procissão luminosa até o Santuário. No sábado, houve a solene coroação da imagem da Santíssima Virgem e a recitação do Terço, na Tribuna Papa Bento XVI, seguida da Santa Missa, presidida por Dom Benedito Beni dos Santos, Bispo Emérito de Lorena.



Fotos: Leandro Souza



Fotos: Luiz Felipe



Lucas Gabriel

Brasília – Por ocasião do ano jubilar duzentos fiéis da Paróquia Jesus Bom Pastor, da Cidade Estrutural, realizaram no dia 16 de agosto uma peregrinação à Basílica Santuário de São Francisco de Assis, em Brasília (fotos 1 e 2). No dia 5, vinte e um participantes do Projeto Padaria Artesanal, da mesma paróquia, receberam da segunda-dama do país, Da. Maria Lúcia Ribeiro Alckmin, o certificado de conclusão de curso (foto 3).

Fotos: Xavier Jacob



Fotos: Diocese de San Lorenzo

Paraguai – Por ocasião do início da novena a Nossa Senhora da Assunção, padroeira do país, os Arautos animaram a procissão de traslado da imagem desta invocação do Panteão Nacional dos Heróis até a Catedral Metropolitana, realizada no dia 6 de agosto (foto 1). Em 26 de julho, membros da instituição participaram do 2º Congresso de Catequese da Diocese de São Lourenço, que teve lugar no ginásio poliesportivo desta cidade (fotos 2 e 3).

Fotos: Aída de Mérida



Guatemala – Nos meses de junho e julho, a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria visitou os centros geriátricos Margarita Cruz (foto 1) e Day & Night (foto 3), bem como as clínicas de autonomia do Instituto Guatemalteco de Previdência Social (foto 2), na Cidade da Guatemala, levando conforto e esperança aos enfermos e idosos.



Fotos: Jesse Arce

Colômbia – A Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Tocancipá, completou dez anos de dedicação no dia 8 de agosto. A concorrida Missa em ação de graças, da qual participaram cerca de sete mil pessoas, foi presidida por Dom Héctor Cubillos Peña, Bispo de Zipaquirá, e concelebrada por vários sacerdotes. Foi o mesmo prelado que, há uma década, oficiou a solene cerimônia de dedicação do templo.



Fotos: Emilio Páez

Equador – Na festa de Nossa Senhora do Carmo, comemorada em 16 de julho, os Arautos do Evangelho animaram a Santa Missa presidida por Dom Marcos Aurelio Pérez Caicedo, Arcebispo de Cuenca, na localidade de Tarqui (foto 1). Membros da instituição também estiveram a cargo da Celebração Eucarística do último dia da novena no Convento do Carmo da Assunção, em Cuenca (fotos 2 e 3).



Fotos: Reginaldo Pomim

Ubatuba (SP) – O décimo oitavo aniversário da inauguração da Capela Nossa Senhora do Pilar, próxima à Praia da Maranduba, foi solenemente comemorado no dia 19 de agosto com uma Missa em ação de graças presidida por Dom José Carlos Chacorowski, CM, Bispo de Caraguatatuba, e concelebrada por diversos sacerdotes.

Confiança contra toda esperança

Cerca de quatro mil anos nos separam do patriarca Abraão. Contudo, como acontece com as almas justas, sua memória perdura através dos séculos e constitui um exemplo de fé e de entrega incondicional aos planos de Deus para todos os tempos.



Ir. Lucília Lins Brandão Veas ✨



“Deixa tua terra, tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que Eu te mostrar. Farei de ti uma grande nação” (Gn 12, 1-2).

Ao longo dos milênios os descendentes de Abraão repetiram incontáveis vezes essa passagem, marco inicial da vocação do grande patriarca. Também a Igreja o exalta como aquele a quem Deus confiou as primícias da sua “nação santa” (I Pd 2, 9), a porção escolhida “entre todas as outras nações da terra” (Dt 14, 2), da qual nasceria o Salvador prometido a Adão antes de ser expulso do Paraíso (cf. Gn 3, 15).

Foi ele eminentemente um homem de fé pois, à estrada retilínea da promessa e da bênção, juntou-se em sua vida o zigue-zague caprichoso da espera, das contrariedades e do aparente desmentido.¹

Lampejos de uma fé robusta

Utilizando-se das narrações das Sagradas Escrituras e de dados da História Universal, pode-se calcular ter Deus chamado Abraão aproximadamente entre os anos 2000 a.C. e 1850 a.C.

Originalmente chamava-se ele Abrão;² era filho de Taré, da décima

geração depois de Noé, da linhagem de Sem. Natural de Ur da Caldeia, transferiu-se com o pai e alguns parentes para Harã, onde ouviu pela primeira vez a voz de Deus, que o mandava deixar a família e a casa paterna.

Com prontidão ele partiu com a esposa, Sara, e o sobrinho Lot, de Harã para Canaã, levando consigo os bens que possuía e os escravos. Ali chegando, o Senhor lhe prometeu que daria aquela terra a seus descendentes. Abraão, porém, seguiu de acampamento em acampamento até o Neguebe, considerando-se sempre como um estrangeiro no país.

Nota-se nessa passagem os primeiros lampejos da fé robusta do patriarca: ele deixa as comodidades do lar paterno e dirige-se a uma terra desconhecida, a qual Deus prometera apenas *mostrar*, para dá-la não a ele, mas a seus descendentes, que, no entanto, ainda não existiam, apesar de Abraão contar já setenta e cinco anos de idade.

Pai de uma grande nação

Abraão, cuja lembrança nos faz imaginar um ancião robusto, de temperamento sereno e caráter convicto,

certamente meditou muito nas palavras divinas. Entre as promessas que lhe fizera, Deus havia dito: “Farei de ti uma grande nação”.

O que significava então ser pai de uma grande nação? Pode-se erroneamente pensar que naqueles tempos longínquos só existiam nômades, como o eram Abraão e sua família, e que a humanidade não vivia senão em tendas... Nada mais equivocado.

Conforme narra o capítulo 10 do Gênesis, a respeito da posteridade de Noé, na terceira geração da linhagem de Cam nasceu Nemrod o “primeiro homem poderoso na terra” (Gn 10, 8), o qual, segundo comentaristas e historiadores, foi o iniciador da vida política ordenada e do Estado organizado autocraticamente.³

De fato, bem antes da época de Abraão grandes cidades-estados já existiam espalhadas pela Mesopotâmia. A prosperidade da agricultura, impulsionada pelas invenções dos sumérios para a irrigação do solo, fomentava um constante comércio entre elas, propiciando que pequenos vilarejos se transformassem em centros urbanos cada vez mais desenvolvidos

em matéria de arquitetura, escrita e economia.

Lagash, Susa, Quis, Assur, Nínive, Mari e Babilônia eram grandes, poderosas e ricas cidades, e a própria Ur já apresentava notável grau de civilização.⁴ Não menor importância tinha o Egito, governado por sua décima segunda dinastia.⁵

Ora, quando Abraão recebeu a promessa de que dele nasceriam povos e reis, Deus lhe pediu acreditar que as nações poderosas da terra nada seriam se comparadas com a linhagem saída de suas entranhas. E pela fé ele entendeu o significado mais profundo do plano divino.

Uma certeza: os planos de Deus se realizarão

Cerca de dez anos se haviam passado, Abraão continuava a confiar; porém, como qualquer ser humano, ao meditar nas promessas recebidas agudas perplexidades certamente lhe vinham ao espírito: “Não terei me equivocado? Parecia tudo tão real... Talvez não tenha sido fiel e Deus decidiu me abandonar”. O peso dos anos aumentava, a possibilidade de gerar um filho cada vez se tornava mais improvável.

Em certa noite estrelada, talvez enquanto recordava as promessas em meio à dor da incerteza quanto à própria fidelidade, ele ouviu novamente a grave e serena voz de Deus: “Nada temas, Abraão! Eu sou o teu protetor; tua recompensa será muito grande” (Gn 15, 1). Cheio de confiança o patriarca expôs sua perplexidade, e o Senhor, “conduzindo-o fora, disse-lhe: ‘Levanta os olhos para os céus e conta as estrelas, se és capaz... [...] Assim será a tua descendência’” (Gn 15, 5).

Tais palavras ressoaram no fundo de sua alma, fazendo-lhe desejar e entrever, não pelas luzes da razão, mas de modo sobrenatural, a realização dos planos divinos nos quais era gratuitamente inserido. Em seu interior passou a brilhar, como um sol, a certeza de que

as promessas se cumpririam, e essa confiança tinha por arrimo apenas a fé em Deus, por ser Ele quem é e digno todo amor. Por isso repete São Paulo na Epístola aos Romanos (4, 3) e aos Gálatas (3, 6), como também São Tiago (2, 23): “Abraão confiou no Senhor, e o Senhor lho imputou para justiça” (Gn 15, 6).

Nesse episódio se evidencia algo desconhecido – ou esquecido, por causa da infidelidade da idolatria – pelos povos antigos: o desejo do Criador de Se comunicar com os homens, concedendo-lhes graças e gerando na alma que não se opõe à sua ação uma caridade ardente. A imaginação desvairada dos filhos de Adão, pelo contrário, sempre produziu deuses tiranos, cuja rudeza e brutalidade é confirmada pelas descobertas arqueológicas.

Predição de grandes sofrimentos

Na continuação desse fato, narram as Sagradas Escrituras que o patriarca perguntou ao Senhor como saberia se possuiria aquela terra, ao que este, em resposta, ordenou-lhe que fizesse um

oferecimento. Abraão preparou os animais segundo os costumes da época e foi acometido por um profundo sono, unido a um “grande pavor” (Gn 15, 12). Ao mesmo tempo uma espessa escuridão cobriu o local, pois já estava anoitecendo.

Nesse momento Deus lhe revelou que somente a quarta geração de sua descendência herdaria aquela terra, não sem antes ter passado pelo sofrimento da escravidão e da opressão durante quatrocentos anos, num lugar onde seriam considerados como peregrinos.

Para selar a aliança, “um braseiro fumegante e uma tocha ardente passaram pelo meio das carnes divididas” (Gn 15, 17), simbolizando a firmeza do juramento divino.

Ismael, o filho da escrava

Sem dúvida Abraão compartilhava com sua esposa as graças recebidas, pois ela era co-herdeira da promessa. Mas quiçá não lhe tenha narrado as provas pelas quais seus descendentes iriam passar, porque somente a almas



Gustavo Kraijl

Abraão deixou as comodidades do lar paterno e dirigiu-se a uma terra desconhecida, a qual Deus prometera apenas lhe mostrar, para dá-la somente a seus descendentes, que ainda não existiam...

“Abraão parte para Canaã”, por Jacopo e Francesco da Ponte - Galeria Nacional do Canadá, Ottawa; na página anterior, vitral da Igreja de São Nicolau, Nérac (França)



muito chamadas e de fé convicta Deus as pode revelar inteiramente.

Talvez julgando-se culpada pelo fato de o casal não gerar uma prole, Sara entregou a escrava Agar ao esposo, para que com ela tivesse um filho. Na região onde viviam, como em todo o mundo antigo, os senhores dispunham de domínio pleno sobre os escravos, podendo deles dispor como bem entendessem. Segundo essa concepção procedeu Sara, cônica de que, se algum filho nascesse a Agar, este não pertenceria à escrava, mas à sua senhora.

Agar de fato concebe e passa, por isso, a desprezar sua senhora... Devido a essa atitude revoltosa e igualitária, seu filho é rejeitado por Sara antes mesmo de nascer e o Senhor Se faz partícipe de tal rejeição, apesar de Abraão ter pedido pelo menino: “‘Oxalá que Ismael viva diante de vossa face!’ Mas Deus respondeu-lhe: ‘Não, é Sara tua mulher que te dará à luz um filho, ao qual chamarás Isaac. Farei aliança com ele, uma aliança que será perpétua para sua posteridade depois dele’” (Gn 17, 18-19). Deixa assim claro que o filho da promessa nascerá diretamente da esposa legítima.

Ismael recebe outra bênção do Senhor, mas não será o herdeiro da promessa. Esse fato é comentado por São Paulo na Epístola aos Gálatas, aludindo à importância da fé: são livres e filhos da promessa todos os que creem em Jesus Cristo; pelo contrário, os que se afeem a costumes obsoletos da aliança antiga tornam-se como os filhos da escrava Agar (cf. Gal 4, 21-31).

Nasce o filho da promessa

Abraão contava já noventa e nove anos, e Sara até então não lhe havia dado um filho. Numa tarde quente, quando se encontrava sentado à porta de sua tenda, viu

diante de si três homens, que na realidade eram três Anjos. Com grande zelo e hospitalidade, o patriarca pôs-se a servi-los e eles predisseram que voltariam dentro de um ano e que, por esse tempo, lhe nasceria um menino. E assim se cumpriu.

Pode-se conjecturar a alegria do casal, que soube confiar ao ser provado – durante um século! – sem esmoecer a meio caminho. Que carinhos e que afagos o menino deve ter recebido de ambos!

Os anos passariam e à imensa alegria, que ainda perdurava, se juntaria mais uma prova, quicã a mais terrível delas...

A grande prova de Abraão

“Deus disse: ‘Toma teu filho, teu único filho a quem tanto amas, Isaac; e vai à terra de Moriá, onde tu o oferecerás em holocausto sobre um dos montes que Eu te indicar’. No dia seguinte, pela manhã, Abraão selou o seu jumento. Tomou consigo dois servos e Isaac, seu filho, e, tendo cortado a lenha para o holocausto, partiu para

o lugar que Deus lhe tinha indicado” (Gn 22, 2-3).

Abraão tinha muitos motivos para julgar incoerente o pedido divino: tratava-se de um sacrifício humano, contrário à lei natural; ele deveria imolar o filho ao qual Deus havia vinculado a promessa de povoar a terra; consumado o oferecimento, Sara o consideraria, com razão, um varão que chegara à demência ou um pai assassino...

Contra toda esperança (cf. Rm 4, 18) confiou Abraão, sem manifestar qualquer inconformidade. Seus lábios sequer balbuciaram palavras para argumentar com o Senhor, como outrora fizera em favor de seu sobrinho Lot. Naquele momento crucial, quando a vida lhe apresentava a pior reviravolta e a História de toda humanidade passava por suas mãos, ele demonstrou ser um homem de fé.

“Efetivamente, grande foi a fé de Abraão. [...] Aqui não é preciso apenas vencer os pensamentos humanos, mas mostrar algo maior, pois parecia que as palavras de Deus combatiam os servos de Deus, a fé lutava contra a fé, e o mandato de Deus se opunha às promessas divinas. [...] Deus ordenou o contrário das promessas, e nem assim o justo Abraão se perturbou nem afirmou ter sido enganado. [...] Com a mesma fé pela qual acreditara que receberia um filho que ainda não existia, também acreditou que Deus o ressuscitaria e que faria reviver o que fora sacrificado como vítima”,⁶ comenta São João Crisóstomo.

Ao terceiro dia de viagem, Abraão viu ao longe o lugar indicado para o sacrifício. Deixando os servos ao pé do monte, colocou a lenha sobre os ombros do filho e prosseguiu apenas em sua companhia.

“Isaac disse ao seu pai: ‘Meu pai!’ ‘Que há, meu filho?’ Isaac



Francisco Lecaros

Abraão contava noventa e nove anos quando três Anjos o visitaram e predisseram que, dentro de um ano, lhe nasceria um filho

“Abraão serve os três Anjos”,
por Giusto de Menabuoi - Batistério de
São João Batista, Pádua (Itália)

continuou: ‘Temos aqui o fogo e a lenha, mas onde está a ovelha para o holocausto?’ ‘Deus’, respondeu-lhe Abraão, ‘providenciará Ele mesmo uma ovelha para o holocausto, meu filho’. E ambos, juntos, continuaram o seu caminho” (Gn 22, 7-8).

Apesar de sua fé, é impossível que no fundo do coração Abraão não sofresse por se tornar o carrasco do próprio filho. E o menino, caminhando ao lado do pai, sem dúvida foi também tocado por uma graça para compreender algo do que se passava e aceitar ser oferecido em sacrifício.

Deus, que sempre Se manifestava ao patriarca como Pai e Amigo, naquele momento parecia Se ocultar...

Abraão avança. Quando tem já o filho amarrado e a faca nas mãos para o imolar, sua fé é, por fim, recompensada: “O Anjo do Senhor, porém, gritou-lhe do céu: ‘Abraão! Abraão!’ ‘Eis-me aqui!’ ‘Não estendas a tua mão contra o menino, e não lhe faças nada. Agora Eu sei que temes a Deus, pois não me recusaste teu próprio filho, teu filho único’” (Gn 22, 11-12). Levantando os olhos ele vê, num arbusto ao lado, um cordeiro preso pelos chifres e o oferece no lugar de Isaac.

Em recompensa por sua fé, Deus muda as promessas em perene aliança, por meio de um juramento: “Pela segunda vez chamou o Anjo do Senhor a



Francisco Lecaros

O Patriarca tinha muitos motivos para julgar incoerente o pedido divino de sacrificar o menino, mas ele confiou contra toda esperança, sem manifestar qualquer inconformidade

“O sacrifício de Isaac”, por Giusto de Menabuoi - Batistério de São João Batista, Pádua (Itália)

Abraão, do céu, e disse-lhe: ‘Juro por Mim mesmo, diz o Senhor: pois que fizeste isto, e não Me recusaste teu filho, teu filho único, Eu te abençoarei. Multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do céu, e como a areia na praia do mar. Ela possuirá a porta dos teus inimigos, e todas as nações da terra desejarão ser benditas como ela, porque obedeceste à minha voz’” (Gn 22, 15-18).

Bem podemos cogitar ter sido nesta ocasião que se deu o fato aludido por Nosso Senhor Jesus Cristo, em diatribe com os fariseus: “Abraão, vosso pai, exultou com o pensamento de ver o meu dia. Viu-o e ficou cheio de alegria” (Jo 8, 56). Que graça imensa poder vislumbrar o próprio Deus feito Homem habitando nesta terra, prever sua Pai-

xão, Morte e Ressurreição, conhecer no próprio filho, Isaac, uma de suas pré-figuras!

Firmes na mesma fé

Profundamente ricos em significado, os diversos episódios da história de Abraão constituem admiráveis exemplos para nós. Não sendo possível em poucas linhas abarcar a grandeza de sua figura, fica aqui o convite para uma leitura meditada das páginas da Sagrada Escritura que a ele se referem, bem como o apelo a cultivar uma igual confiança.

Com efeito, Abraão viveu num mundo pa-

gão, que em tudo negava a existência de Deus, tal como nos dias atuais. Entretanto, o Senhor quis condicionar à sua fé a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo ao mundo, e ele correspondeu aos anseios divinos. Ora, também nós recebemos uma promessa do Céu, proferida pelos lábios da Santíssima Virgem: “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará!” Após contemplar a história do grande patriarca, duvidaremos ainda do cumprimento destas palavras e, em consequência, da vitória de Jesus por meio de Maria?

Nos fatos aqui considerados, torna-se claro o quanto a prática da fé, virtude sobrenatural infundida no Batismo, é um ato livre e meritório. De nossa vontade depende cooperar ou resistir aos convites da graça. ✠

¹ Os dados biográficos contidos nestas linhas foram extraídos dos capítulos 15 a 22 do Livro do Gênesis.

² Por conveniência, no presente artigo o chamaremos sempre de Abraão. Deus trocou-lhe o nome somente depois da alian-

ça narrada no capítulo 17 do Gênesis.

³ Cf. WEISS, Juan-Baptista. *Historia Universal*. Barcelona: La Educación, 1927, v.I, p.90; CHARBEL, Antônio; LAURINI, Heládio Correia. *Comentários ao Livro do*

Gênesis. In: *A Bíblia*. São Paulo: Abril, 1965, p.26, nota 5.

⁴ Cf. KELLER, Werner. *E a Bíblia tinha razão...* 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960, p.36-37.

⁵ Cf. WEISS, op. cit., p.525.

⁶ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. *Homilias sobre la Carta a los Hebreos*. Homilía XXV, c.1, n.1-4. Madrid: Ciudad Nueva, 2008, p.416-418.

Simpatia

Enquanto Santo Inácio está todo ele orientado para um objetivo, para o próximo, para Deus, Lutero volta-se para dentro, para si, para os contínuos tormentos de consciência que o assaltam.



✚ Raphaël Six

Retratados por contemporâneos seus, os traços fisionômicos dos dois varões que ilustram estas páginas – os quais, sem nunca se terem encontrado, foram talvez os maiores antagonistas do século XVI – são de uma eloquência impressionante.

* * *

Santo Inácio de Loyola, na plenitude de sua maturidade intelectual, sugere desde logo um primeiro declínio

do vigor físico: magro, notadamente calvo, enrugado. Homem muito mais habituado a exercer suas qualidades morais do que as corporais, nestas já nada revela o antigo soldado... nada, a não ser o olhar.

Parece que o Santo está se entre-tendo com alguém. Seus olhos, embora grandes, encontram-se entreatos e com os músculos orbiculares contraídos. Sinal de observação agu-

da, penetrante e desapaixonada. Aliás, essa operação lhe devia ser frequente, a julgar pelas pronunciadas rugas de expressão. Sua atenção parece muito mais posta na alma de quem lhe fala, do que propriamente no relato feito. Está como que a afirmar: “Penetro-te; porém, sou impenetrável”.

Em contraposição, a boca *plutôt* pequena – como para dar passagem somente às palavras que mereçam de fato ser pronunciadas –, de contornos firmes e bem delineados, cerra-se num sorriso afável e compreensivo. A cerviz se inclina de modo quase imperceptível na direção do suposto interlocutor, como se assegurasse: “Acolho-te e estou disposto a te ajudar, independentemente dos defeitos que em ti discirno”.

O todo dá, portanto, a impressão de uma bondade autêntica, voltada para o próximo, mas reservada, firme, austera, formal.

* * *

Lutero é bem o oposto. Ainda cheio de viço, sua abundância de tecido adiposo distribui-se prodigamente por todos os lados, reforçando ainda mais o arredondado oblíquo de seus traços.

O nariz é grande e carnudo. A boca, que sendo a extremidade superior do aparelho digestivo constitui uma espécie de “embaixada” do instinto na cabeça – região mais “racional” do corpo –, é larga e de contornos sinuosos, assentando-se espaçosamente sobre um queixo possante. A ossatura



Reprodução

Martinho Lutero, por Lucas Cranach, o Velho - Galleria degli Uffizi, Florença (Itália)

é pronunciada. Tudo sugere robustez, voracidade e desejo veemente, escondidos numa fisionomia pretensamente distendida, mas não apaziguada.

Com efeito, a ponta de sorriso e o cabelo esparso contribuem para formar um imponderável de ironia em estado de gestação, pronta para eclodir numa risada forte e sonora, embora meio desequilibrada.

Esse homem, de inegáveis capacidades intelectuais, trai desde logo um adepto da mesa lauta, do prazer fácil e da conversa jocosa... Numa primeira abordagem, é propriamente uma figura que muitos poderiam ser tentados a considerar simpática.

* * *

Não hesitamos em dizer que muitíssimos de nossos contemporâneos, desconhecendo a identidade dos personagens, se fossem intimados a convidar um dos dois para uma distendida refeição no fim de semana, optariam por Lutero. Afinal, não parece que o magro pensador é por demais sisudo e analítico para ter um trato descontraído? Por outro lado, quem negará ao gorducho brincalhão um posto à mesa?

Entretanto, talvez a escolha não seja a mais acertada. Se uma primeira análise fisionômica revela a força vital do reformador alemão, uma segunda indica a serviço do que ela se encontrava. Não é evidente uma ponta de tristeza em seu olhar? Enquanto Santo Inácio está todo ele orientado para um objetivo, para o próximo, para Deus, Lutero volta-se para dentro, para si, para os contínuos tormentos de consciência que o assaltam.

Varão orgulhoso, irascível, este último lançaria impropérios com a mesma facilidade com que contaria uma piada. Seu temperamento volúvel não implica segurança. É bem um homem à frente de sua época, no sentido de que se enquadrava sob medida na nossa.

O fundador da Companhia de Jesus, por sua vez, embora conserve toda a austeridade do homem interior, do jesuíta e – por que não? – do bom espanhol, em-



Reprodução

Santo Inácio de Loyola, por Alonso Sánchez Coello (editado)

bora habite de certa forma no isolamento de uma luz interior inacessível, mereceu receber, de inúmeros entre os mais notáveis de seu tempo, o título de pai.

Objetaria talvez alguém que o juízo feito com base na expressão fisionômica, fundamentando-se essencialmente em aparências, costuma ser superficial e, portanto, pode resultar falível. Concordamos. Por isso devemos procurar conferir nossas impressões com o que a História diz a respeito de ambos os personagens.

Mas, diga-se de passagem, não é exatamente esse julgamento precipitado que fazemos quando admiramos, por exemplo, um dos ditos *influencers*, cuja vida privada e cujas obras desconhecemos por completo?

“Maldito o homem que confia em outro homem” (Jr 17, 5), diz a Escritura. Quantas pessoas se confundem, julgando ter encontrado um amigo, quando não acharam senão um bom apetite e uma boa gargalhada! De que adianta uma ilusória simpatia, sem amizade autêntica e sólida?

É nas situações de dificuldade que se descobrem os autênticos companheiros: “*Amicus certus in re incerta cernitur*”. Em momentos assim, aquele senhor circumspecto poderia se revelar uma tábua de salvação, enquanto o robusto conversador quiçá se transformasse num fardo que nos arrastaria para o abismo. Que isso sirva para aprendermos a discernir, e a ser, verdadeiros amigos. ✚

Dr. Plínio no Santuário da Mãe
do Bom Conselho de Genazzano,
em 23 de setembro de 1988

João Clá Dias

Sejamos filhos intimíssimos d'Ela!

Contemplando a imagem da Mãe do Bom Conselho e vendo o Menino Jesus tão protegido e tão agarrado a Ela, eu quisera que um raio de graça descesse sobre cada um de nós e nos levasse a compreender como devemos ser assim em relação a Nossa Senhora: filhos intimíssimos, convictos de que a misericórdia d'Ela não se cansa nunca, o seu perdão jamais nos é recusado, e que o seu sorriso maternal

quase nos antecede, tão logo nos voltamos para Ela. Aliás, a própria graça de recorrermos a Maria Santíssima nos é concedida por sua intercessão. Donde uma confiança sem limites e contínua na bondade d'Ela, em todas as ocasiões, em quaisquer circunstâncias, de todos os modos.

Plínio Corrêa de Oliveira